

Resistindo às pressões

*V Etapa dos
Congressos
Ministeriais
2019*



MVP
MINISTÉRIO
DE VIDA PASTORAL



SOU LIBRETA, SOU PROMESSA!

Inclui novas lições para Pequenos Grupos de Pastores e Esposas



Acesse nossa página

 <https://www.facebook.com/FamiliasPastorais>

www.portaliap.org/ministerios/vida-pastoral



Copyright 2019. Todos os direitos reservados. Ministério de Vida Pastoral – MVP

Proibida a reprodução, mesmo que parcial, por qualquer meio e processo, sem a prévia autorização escrita do MVP.

A autoria dos textos deste livro são de única e exclusiva responsabilidade de seus respectivos escritores.

| | |
|---|---|
| Coordenação editorial e preparação de originais | Lilian Mendes C. Oliveira |
| Revisão Teológica | Pr. Alan Rocha Departamento de Educação Cristã |
| Revisão | Editora Longarina |
| Projeto gráfico e diagramação | Farol Editora |
| Capa | Edmilson Mendes |
| Impressão | Hawaií Gráfica e Editora |
| Tiragem | 700 exemplares |

Ministério de Vida Pastoral

Pr. Aldo Cesar Silva de Oliveira e Dsa. Lilian Mendes Cardoso de Oliveira (São Paulo – SP) – pr.aldooliveira@hotmail.com

Pr. Arimateia Oliveira Costa e Dsa. Lurdes Marques Costa (Goiânia – GO) – pr.ari@hotmail.com

Pr. Efraim Silvino Teixeira e Dsa. Deusa de Oliveira Teixeira (São Paulo – SP) – efraim_teixeira@hotmail.com

Pr. Edmilson Mendes e Dsa. Maria Regina Guimarães Longo Mendes (Campinas – SP) – mendeslongo@uol.com.br

Pr. Elias Alves Ferreira e Dsa. Marilsa Ferreira (Jales – SP) - elal@terra.com.br

Pr. Elias Higino e Dsa. Andrea Cristina (Americana – SP) – elias.higino70@gmail.com

Pr. Roberto Soares e Kizie Leonardo (Sorocaba – SP) – roberto_soares@hotmail.com

Pr. Anderson Guarnieri e Danubia Guarnieri (Catanduva – SP) – anderson_guarnieri@hotmail.com

Igreja Adventista da Promessa

R. Boa Vista, 314 – 6º andar
Centro – São Paulo, SP – CEP 01014-000
Fone: (11) 3119-6457



Sumário

| | |
|--|----|
| RESISTINDO ÀS PRESSÕES COM O MODELO DE CRISTO..... | 7 |
| A PRESSÃO SOBRE A VIDA SEXUAL..... | 15 |
| PRESSÃO SOBRE A VIDA FINANCEIRA..... | 25 |
| A PRESSÃO NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO..... | 33 |
| PRESSÃO SOBRE O CORAÇÃO - A síndrome de Aitofel..... | 41 |
| PEQUENOS GRUPOS DE PASTOREIO DE PASTORES..... | 45 |
| LIÇÕES PARA PEQUENOS GRUPOS: Pastores e Esposas..... | 49 |
| LIÇÃO 33 - O QUE É FÉ?..... | 51 |
| LIÇÃO 34 - ABEL..... | 53 |
| LIÇÃO 35 - ENOQUE..... | 55 |
| LIÇÃO 36 - NOÉ..... | 57 |
| LIÇÃO 37 - ABRAÃO..... | 59 |
| LIÇÃO 38 - SARA..... | 61 |
| LIÇÃO 39 - ISAQUE..... | 63 |
| LIÇÃO 40 - JACÓ..... | 65 |
| LIÇÃO 41 - JOSÉ..... | 67 |
| LIÇÃO 42 - MOISÉS..... | 69 |
| LIÇÃO 43 - JOSUÉ..... | 71 |
| LIÇÃO 44 - RAABE..... | 73 |
| LIÇÃO 45 - SEIS HERÓIS MUITO ESPECIAIS..... | 75 |
| LIÇÃO 46 - HERÓIS ANÔNIMOS..... | 77 |

ABREVIATURAS DE LIVROS DA BÍBLIA UTILIZADOS NOS TEXTOS

ANTIGO TESTAMENTO

| | |
|--------------|------|
| Gênesis | Gn |
| Êxodo | Ex |
| Levítico | Lv |
| Números | Nm |
| Deuteronômio | Dt |
| Josué | Js |
| Juízes | Jz |
| Rute | Rt |
| 1 Samuel | 1 Sm |
| 2 Samuel | 2 Sm |
| 1 Reis | 1 Rs |
| 2 Reis | 2 Rs |
| 1 Crônicas | 1 Cr |
| 2 Crônicas | 2 Cr |
| Esdras | Ed |
| Neemias | Ne |
| Ester | Et |
| Jó | Jó |
| Salmos | Sl |
| Provérbios | Pv |
| Eclesiastes | Ec |
| Cantares | Ct |
| Isaías | Is |
| Jeremias | Jr |
| Lamentações | Lm |
| Ezequiel | Ez |
| Daniel | Dn |
| Oséias | Os |
| Joel | Jl |
| Amós | Am |
| Obadias | Ob |
| Jonas | Jn |
| Miqueias | Mq |
| Naum | Na |
| Habacuque | Hc |
| Sofonias | Sf |
| Ageu | Ag |
| Zacarias | Zc |
| Malaquias | Ml |

NOVO TESTAMENTO

| | |
|-------------------|------|
| Mateus | Mt |
| Marcos | Mc |
| Lucas | Lc |
| João | Jo |
| Atos | At |
| Romanos | Rm |
| 1 Coríntios | 1 Co |
| 2 Coríntios | 2 Co |
| Gálatas | Gl |
| Efésios | Ef |
| Filipenses | Fp |
| Colossenses | Cl |
| 1 Tessalonicenses | 1 Ts |
| 2 Tessalonicenses | 2 Ts |
| 1 Timóteo | 1 Tm |
| 2 Timóteo | 2 Tm |
| Tito | Tt |
| Filemon | Fm |
| Hebreus | Hb |
| Tiago | Tg |
| 1 Pedro | 1 Pe |
| 2 Pedro | 2 Pe |
| 1 João | 1 Jo |
| 2 João | 2 Jo |
| 3 João | 3 Jo |
| Judas | Jd |
| Apocalipse | Ap |

ABREVIATURAS DE TRADUÇÕES E VERSÕES BÍBLICAS UTILIZADAS NOS TEXTOS

| | |
|-------------|---------------------------------|
| AM | A Mensagem |
| ARA | Almeida Revista e Atualizada |
| ARC | Almeida Revista e Corrigida |
| AS21 | Almeida Século 21 |
| BJ | Bíblia de Jerusalém |
| BV | Bíblia Viva |
| ECA | Edição Contemporânea de Almeida |
| KJA | Tradução King James Atualizada |
| NBV | Nova Bíblia Viva |
| NTLH | Nova Tradução na Ling. de Hoje |
| NVI | Nova Versão Internacional |
| TEB | Tradução Ecumênica da Bíblia |

Apresentação



Não desista, resista!

Resiliência é uma característica muito valorizada hoje. No campo da Física, a palavra está associada à propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica. Aplicando este conceito à existência humana, fala-se muito que devemos ser pessoas resilientes, ou seja, aquelas que têm a capacidade de lidar e superar situações estressantes, crescendo em cada adversidade.

Sabemos que essa capacidade não vem de nós mesmos, como uma espécie de autoajuda, mas nos foi dada por nosso Criador. Porém, a resiliência vai sendo aprimorada em nossa caminhada com Deus, com base em sua Palavra. No ministério, enfrentamos pressão de todo tipo, mas é possível resistir, focando nossos olhos em Cristo. Por isso, trazemos como base para nossa reflexão o modelo servil de liderança que encontramos em Jesus.

Resistindo às pressões é o tema da V Etapa dos Congressos Ministeriais, tendo em vista os tempos difíceis que cada pastor e sua família têm enfrentado. A Palavra de Deus, como a carta de um Pai amoroso, traz ensinamentos preciosos para lidar com a pressão do “eu”, a pressão sobre a vida sexual, a pressão financeira, a pressão no exercício do ministério – que envolve cobrança por resultados – e a pressão sobre nossas emoções.

Tenhamos em vista que não estamos sozinhos quando estamos lidando com as pressões. *“Porque, como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também é abundante a nossa consolação por meio de Cristo”* (2 Cor 1.5). Sim, Cristo nos consola, anima, renova e nos faz resilientes, proporcionando novos aprendizados a cada dificuldade vencida.

Não desista, resista! Aquele que chamou você, pastor e esposa, para esta excelente obra não o(a) desampará, jamais!



Resistindo às pressões com o modelo de Cristo

Pr. Elias Alves

Nesta V Etapa dos Congressos Ministeriais, vamos abordar vários aspectos que pressionam o pastor e sua família, no exercício do ministério. Mas entendemos ser de vital importância focar, antes de tudo, a pressão que sofremos de nós mesmos, fruto da nossa vaidade, do nosso orgulho, do nosso “eu”. Mesmo imbuídos de ótimas intenções, podemos incorrer no erro de nos considerar acima do rebanho, simplesmente porque fomos chamados para pastoreá-lo. Precisamos nos lembrar sempre dos ensinamentos de Cristo e seu modelo servil de liderança.

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz! Por isso, Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Fl 2.5-11 – NVI).

Somos convocados a liderar uma parte no Reino de Deus. E, por menor que seja, é importantíssima e indispensável. Seja uma igreja, um campo pastoral ou uma Convenção Regional. Deus nos deu o seu melhor, que é Jesus. Devemos então exercer o ministério com o nosso melhor. Há sempre uma forma mais excelente de liderar e devemos admitir que não sabemos tudo. Um líder sábio é aquele que sempre está pronto a aprender: “*Instrua o homem sábio, e ele será ainda mais sábio; ensine o homem justo, e ele aumentará o seu saber*” (Pv 9.9).

Os desafios são enormes e demandam leituras, reflexões, reuniões, capacitação e muita cautela para não perdermos ninguém, mas conduzi-los a um crescimento saudável e bíblico que glorifique o nome do Senhor. A igreja deve continuar buscando a excelência em tudo. Nada acontece sem uma liderança bíblica e empenhada na busca do melhor para o Senhor.

Considerar a Palavra de Deus como autoridade sobre a Igreja, descobrir nela a vontade soberana do Senhor e aplicá-la com sabedoria é o grande objetivo no ministério pastoral. Como é maravilhosa a conclusão do Salmista Davi: “*O temor do Senhor é puro, e dura para sempre. As ordenanças do Senhor são verdadeiras, são todas elas justas. São mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo*” (Sl 19. 9-10).

Então, uma das funções do ministério pastoral nada mais é do que fazer uma imersão nas Sagradas Escrituras, descobrir a vontade de Deus, que é como ouro e mel e depois servir à Igreja. A Bíblia não é mais valiosa que o ouro e mais doce que o mel? E Jesus não é o tema central da Bíblia? É sobre ele que iremos refletir, como modelo de liderança pastoral no texto de Paulo aos Filipenses. Devido à construção e ao equilíbrio meticuloso das frases, temos a sensação de o texto se tratar de um poema ou hino usado na adoração pela igreja primitiva.¹ Por outro lado, se pudéssemos resumir este texto em uma frase, diríamos: “O caminho da humildade”. Assim, a proposta do Ministério de Vida Pastoral é analisar a liderança servil, tendo Jesus como nosso exemplo maior.

1. HOWARD, R.; TAYLOR, W.; KNIGHT, J.; NIELSON, J.; AIRHART, A.; GOULD, G. Comentário bíblico Beacon. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. p. 255.

Nosso modelo de liderança é Jesus

“Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus” – v. 5.

Ter a atitude de Cristo é pensar e agir como ele agiu.² Ter ainda a mesma escala de valores que ele possuía. Ser livre e querer ter os mesmos objetivos, o mesmo caráter, a mesma missão e visão de vida, a mesma renúncia e entrega. Interessante notar a palavra grega que está no texto “*proneite*”, um imperativo ativo.³ Ou seja, isso deve ser encarado como algo que devemos fazer.

Fomos salvos por Cristo.⁴ Todos os nossos ritos falam dele. Ele é o personagem central da Bíblia Sagrada.⁵ Ele é o começo, meio e fim de todas as coisas,⁶ o soberano,⁷ o sumo pastor,⁸ o noivo,⁹ o Senhor de tudo,¹⁰ o redentor da igreja.¹¹ Nossas atividades só têm sentido se Jesus for o modelo e o alvo final. Toda a arquitetura bíblica confirma: ele é o maior tesouro que se possa ter,¹² a verdade mais doce que se possa sentir,¹³ o abraço mais divino que se possa aceitar,¹⁴ o sonho acordado mais lindo que se possa esperar,¹⁵ o voo mais alto da liberdade que se possa alçar,¹⁶ a estrela de maior brilho que se possa seguir,¹⁷ o caminho mais florido da misericórdia em que se possa caminhar,¹⁸ a fonte da graça na qual se possa saciar,¹⁹ a canção mais suave na qual se possa meditar,²⁰ o universo mais insondável que possa fascinar...²¹ O nosso Messias, o nosso Senhor, o nosso tudo!!!

Não dá para ser pastor no Reino de Deus sem antes ter sido salvo, ter tido um encontro pessoal com o Senhor. A cruz e o túmulo vazio de Jesus devem ser uma realidade para todos os líderes cristãos. Sem esta identificação de conversão, o prejuízo é enorme para o povo de Deus. Não precisamos de profissionais da fé, mas de gente nascida de novo, regenerada, que não tem apenas uma aparência de piedade, mas que Jesus seja, de fato, o Salvador e Senhor. Encher os quadros organizacionais com pessoas animadas sem levar em conta a atitude do coração ou os dons espirituais certamente matará uma igreja. Por outro lado, deixar que o povo de Deus sirva de acordo com os dons espirituais que lhes foram dados faz a igreja crescer.²²

2. WIERSBE, W. *Comentário bíblico expositivo*. Volume 2. Santo André: Geográfica, 2012. p. 95.

3. CHAMPLIN, R. N. *Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Volume 5. São Paulo: Candeia, 2000. p. 27.

4. Ef 2.1-10

5. Rm 11.36

6. Ap 1.8

7. Cl 1.13-19

8. 1 Pe 5.4

9. Ap 19.7

10. Mt 28.18

11. Ap 5.9

12. Mt 13.44; Jo 15.5

13. Jo 14.6

14. Mt 11.28-30; Sl 23.2

15. Is 55.8, 9; Jó 42.1, 2

16. Jo 8.36

17. Ap 22.16

18. Jo 14.6; Is 35

19. Is 12

20. Ap 5.8-14

21. Cl 2.2-3

22. WILKES, C. G. *O último degrau da liderança*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999. p. 148.

Como se pode discernir a nova vida de uma pessoa? Jesus disse: “*Considerem: uma árvore boa dá bom fruto; uma árvore ruim, dá fruto ruim, pois uma árvore é conhecida por seu fruto*” (Mt 12.33). Alguém nascido de novo tem Jesus como parâmetro maior. Quer produzir coisas boas. Ama, porque foi amado primeiro. Perdoa, porque foi perdoado, resgatado pela graça. Foi salvo por Cristo e, desta forma, trabalha para salvar outros. Acolhe porque foi acolhido pela misericórdia. Não é governado pela carne, mas, pelo Espírito Santo. Paulo, sob inspiração divina, escreveu sobre as obras da carne que predominam no homem natural: “*Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti, que os que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus*” (Gl 5.19-21), mas não deixou de realçar o Fruto do Espírito no homem regenerado: “*Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei*” (Gl 5.22,23).

O abandono da vaidade

“... *que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens*” (vs. 6, 7).

Jesus nos dá o exemplo do desapego de qualquer vaidade pessoal. Sendo Deus não quis ser Deus. Não quis se apegar ao que era em essência. Ele abdicou de si próprio na humanização, o que foi visível da manjedoura à crucificação. Não quis repetir o pecado do primeiro casal que, ludibriado pelo inimigo, quis ser igual a Deus. Ao contrário, Jesus, sendo Deus, tornou-se verdadeiramente homem. Totalmente diferente do que está na mitologia grega, em que Zeus havia roubado o trono de seu pai, Cronos, mediante violência e fraude.²³ Totalmente diferente também dos imperadores romanos que reivindicavam serem deuses. Jesus fez o inverso. Como nosso líder supremo, mostrou que a escada da liderança é para baixo e não para cima. Ele “esvaziou-se”. Ele assumiu o caminho da “servidão”. Ele foi verdadeiramente homem e não apenas uma manifestação de “faz de conta”.²⁴ Com sua humanização demonstrou que é possível viver de maneira que agrade a Deus. Viveu plenamente como “Filho de Deus” e “Filho do Homem”.

Tudo que temos e sabemos foram dádivas da maravilhosa graça de Deus. Esses recursos só têm sentido se os utilizarmos com humildade, para servir a Deus e ao nosso próximo. O líder cristão é servo. Não é déspota, exigindo ser servido, querendo ser um fim em si mesmo ou desejando uma lealdade cega. O “eu”, o ego, é substituído por “Ele”. Não devemos querer ser o que não somos. A liderança deve ser apenas um meio de edificação de vidas para a glória de Deus. Quem lidera precisa, primeiro, se esvaziar. Depois, deve ter uma identificação com os liderados tendo por eles amor incondicional. Cargos e funções são passageiros. O melhor título é o de servo. A roupa mais bonita é a da humildade.

Sobre como servir com o nosso ministério, o texto de I Pe 5.1-4 diz:

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória.

23. CHAMPLIN, R. N. *Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Volume 5. São Paulo: Candeia, 2000. p. 28.

24. CHAMPLIN, R. N. *Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Volume 5. São Paulo: Candeia, 2000. p. 29.

Há uma coroa de glória para os bons líderes. Não uma coroa de ramos de oliveira, que murchavam. No entanto, para consegui-la é preciso identificação com tudo o que Jesus fez. O pastor precisa ser espontâneo, alegre, disposto, seguro e acolhedor.

- **Para refletir: O que você espera ao trabalhar no Reino de Deus?**

Autoridade conquistada

“E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente...” (v. 8a- b).

Jesus conquistou a Sua autoridade com humildade e obediência. A humildade não foi uma imposição das situações que viveu. Foi uma escolha pessoal *“... humilhou-se a si mesmo...”*. Ensinou também: *“... quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”* (Mc 10.43-45). Serviço humilde é o exigido dos líderes. Ele mesmo se declarou: *“Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas”* (Mt 11.29). Quão maravilhoso é aprender dele, que é manso e humilde de coração. Quando se é servo, a vontade pessoal desaparece e o que prevalece é a vontade do seu Senhor. A humildade gera a obediência. Quando se é obediente aos preceitos divinos, a vida testemunha a verdade. Jesus viveu dentro desses parâmetros. Aproximava-se a crucificação, sentiu o peso do pecado, a agonia da morte, seus poros transpiraram sangue e ainda assim disse: *“... Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”* (Mt 26.39).

É uma contradição ser líder, quando não se é um bom liderado. Um discipulador, quando não se é um bom discípulo. Pastor, quando não se é ovelha. Quando se diz algo que não vive. Aliás, viver é melhor do que dizer. Servir é melhor do que mandar. Jesus é o líder por excelência por que não comisionou sem antes dar o exemplo.

Para Jesus, o modelo de liderança era o serviço. Ele jamais serviu a si mesmo. Em um primeiro momento, liderou como servo do Pai Celestial, o qual lhe dera a missão. Se observarmos a vida de Jesus de um nível mais elevado, veremos que tudo o que ele fazia estava a serviço da sua missão. Sua missão especial era servir, não à sua própria vontade, mas à vontade do Pai. Jesus disse: *“Por que eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade; e, sim, a vontade daquele que me enviou”* (Jo 6.38).²⁵

No Lava-pés, em Jo 13, vemos Jesus:

- Consciente da sua missão – vs. 1, 3.
- Consciente da sua responsabilidade – v. 3.
- Amando seus liderados até o fim – v. 1.
- Despojando-se da sua capa (túnica) – v. 4.
- Cingindo-se de uma toalha – v. 4.
- Derramando água em uma bacia – v. 5.
- Lavando os pés dos seus liderados – v. 5.
- Fazendo mais que a obrigação – v.5.
- Integrando quem não estava compreendendo – vs. 6-10.
- Lavando até mesmo quem destoava do grupo, sendo traidor – vs. 10-11.
- Mostrando que mesmo o líder pode ser servo – vs. 13-14.
- Ordenando a repetição dos seus atos – vs. 14-15.
- Afirmando que a obediência produz felicidade – v. 17.

25. WILKES, C. G. *O último degrau da liderança*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999. p. 22.

Quando Jesus deixou a mesa para tomar a forma de servo e fazer um trabalho de escravo, estava oferecendo uma visão real de sua missão. Ele já ensinara que a sua missão não era “*ser servido, mas servir e dar a sua vida em resgate de muitos*” (Mc 6.4,5). O ato de descer da posição de último cordeiro pascal para ser servo humilde equiparou-se à sua descida do céu para a cruz... Ao mudar da mesa principal para o mais íntimo dos lugares do grupo, Jesus ofereceu uma ilustração visual da missão da sua vida. A missão era ser o servo sofredor de Deus. Naquela noite, a bandeira do Reino foi uma toalha suja.²⁶

Pastor vocacionado por Cristo, saia da mesa, dispa-se da túnica, cinja-se de uma toalha, tome a bacia com água, ajoelhe-se, fique abaixo de todos, e faça o improvável, o serviço de servo, “*Pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado*” (Lc 14.11).

- **Para refletir: Minha autoridade é ameaçada quando eu me humilho diante do rebanho?**

O cristão e a autoridade

Todo cristão, sem exceção, está debaixo de autoridade. Primeiro, a Bíblia Sagrada como autoridade sobre a nossa vida de fé e prática. A Bíblia é inerrante em sua essência. Tudo o que ela revela sobre Deus como atributos, personalidade e ações são verdadeiros. Em sua soberania, Deus não a contraria. A Bíblia é, sem dúvida, a revelação especial de Deus para o seu povo. Em segundo lugar, o cristão está debaixo das autoridades constituídas na Igreja.

Quando tomamos parte na esfera administrativa da igreja, temos também responsabilidade para com nossos líderes e nossos liderados. Não somos um ponto isolado. A igreja é um organismo vivo, o Corpo de Cristo. Paulo, em I Coríntios 12, nos dá uma lição maravilhosa (I Cor 12.12-27):

Ora, assim como o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros, e todos os membros, mesmo sendo muitos, formam um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito. O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: “Porque não sou mão, não pertencço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. E se o ouvido disser: “Porque não sou olho, não pertencço ao corpo”, nem por isso deixa de fazer parte do corpo. Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, há muitos membros, mas um só corpo. O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de você!”. Nem a cabeça pode dizer aos pés: “Não preciso de vocês!”. Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são indispensáveis, e os membros que pensamos serem menos honrosos, tratamos com especial honra. E os membros que em nós são indecorosos são tratados com decoro especial, enquanto os que em nós são decorosos não precisam ser tratados de maneira especial. Mas Deus estruturou o corpo dando maior honra aos membros que dela tinham falta, a fim de que não haja divisão no corpo, mas, sim, que todos os membros tenham igual cuidado uns pelos outros. Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele. Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo.

Podemos destacar na visão do Corpo de Cristo que:

- Cristo é o Cabeça deste Corpo (Cl 1.18).
- Somos um organismo, o Corpo de Cristo.
- Todos possuem a mesma energia vital que é o Espírito Santo.
- Somos interdependentes. “O Corpo de Cristo precisa de mim e eu preciso do Corpo de Cristo.”
- Como membros, somos ao mesmo tempo uma “diversidade” inserida na “unidade”.

26. WILKES, C. G. *O último degrau da liderança*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. p. 169, 170, 176.

- A divindade se revela, capacita e coordena este Corpo: *Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos* (1 Cor 12.4-6).
- Todos os membros são igualmente importantes.
- Todos trabalham para o bem comum do Corpo.
- Todos têm uma liberdade para agir com responsabilidade e maturidade.
- Nossa alegria ou sofrimento produzirá reações no Corpo de Cristo.
- Membros independentes do Corpo são uma anomalia.

Precisamos saber o nosso lugar no Corpo de Cristo e entender a importância das autoridades espirituais constituídas. Quando compreendemos os parâmetros de autoridade somos abençoados pela nossa humildade e obediência. A rebeldia às autoridades constituídas e a Deus é um grave pecado: *“Pois a rebeldia é como o pecado da feitiçaria, e a arrogância como o mal da idolatria...”* (1 Sm 15.23).

Um bom líder deve ter autoridade conquistada por suas boas ações e não apenas por autoridade inerente ao cargo ou imposta. Um líder tem autoridade conquistada quando vive os princípios da humildade e da obediência. Ninguém vive no topo isolado da liderança. Na nossa denominação, a Diretoria Geral (DG) está submissa às decisões das Assembleias Gerais e às decisões da Junta Geral Deliberativa (JGD). As Diretorias das Convenções Regionais estão subordinadas às decisões das Assembleias Regionais e à DG. Os pastores estão subordinados às Diretorias das Convenções Regionais. Os ministérios locais estão subordinados aos pastores e conselhos locais. Sem contar os Estatutos, que permeiam as decisões de todas as casas administrativas.

A genuína autoridade espiritual emana do próprio Deus. Aqueles que exercem tal autoridade são vasos preparados que transmitem os pensamentos e desejos de Deus para o seu povo. É este tipo de autoridade que devemos exercer na igreja hoje. Precisamos desesperadamente de homens que falem quando Deus fala com eles, que liderem de acordo com sua direção e que manifestem suas revelações. A maior necessidade atual é daqueles que são íntimos de Deus e através dos quais ele pode transmitir livremente sua vontade.²⁷

O exemplo de Davi quanto à autoridade

Davi nos dá um grande exemplo de como respeitar uma autoridade constituída. Ele tinha prestígio nacional, unção de Samuel e ainda assim, não tirou a vida de Saul, quando teve a chance, em uma caverna. *“E então disse a seus soldados: Que o SENHOR me livre de fazer tal coisa a meu senhor, de erguer a mão contra ele; pois é o ungido do Senhor”* (1 Sm 24.6).

A lição de Paulo aos Coríntios

Paulo corrige um problema em Corinto, quando todos estavam divididos quanto à autoridade. Ele deixa claro que, na igreja de Cristo, a honra maior é de Deus e não humana. Quem disputa liderança é criança espiritual e carnal. A igreja de Cristo não pode ser palco de disputa política. Todos são igualmente importantes (1 Cor 3.1-8):

Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a crianças em Cristo. Dei-lhes leite, e não alimento sólido, pois vocês não estavam em condições de recebê-lo. De fato, vocês ainda não estão em condições, porque ainda são carnais. Porque, visto que há inveja e divisão entre vocês, não estão sendo carnais e agindo como mundanos? Pois quando alguém diz: “Eu sou de Paulo”, e outro: “Eu sou de Apolo”, não estão sendo mundanos?

27. DYER, D. W. *Autoridade espiritual genuína*. Vitória (ES): Ministério Grão de Trigo, 2010. p. 8.

Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fazia crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento. O que planta e o que rega têm um só propósito, e cada um será recompensado de acordo com o seu próprio trabalho.

- **Para refletir: Como você se relaciona com a autoridade? E como você se relaciona com liderados que se recusam a ser submissos?**

Autoridades civis

Quanto às autoridades civis, temos que reconhecê-las como vindas de Deus. Mesmo os governos ímpios têm a permissão para atuar.

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá. Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência. É por isso também que vocês pagam imposto, pois as autoridades estão a serviço de Deus, sempre dedicadas a esse trabalho. Deem a cada um o que lhe é devido: Se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra (Rm 13.1-7).

A exceção é quando exigem algo contrário à Palavra de Deus como nos exemplos de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego e Daniel (Dn 3 e 6). Quando ocorrer, a vontade de Deus é soberana em contraste com a vontade humana.

- **Para refletir: Eu componho realmente o Corpo de Cristo, “ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas”, conforme Efésios 4.16?**

O sacrifício do líder

“...até à morte, e morte de cruz!” (v. 8c).

Jesus, em nenhum momento, desviou do seu propósito em ser o Salvador do mundo. A cruz não o pegou de surpresa, porque o plano já havia sido estabelecido antes da fundação do mundo (I Pe 1.18-20). Mas não podemos pensar que tenha sido fácil ser julgado injustamente, ferido cruelmente e ultrajado emocionalmente. O caminho da cruz foi terrível e ainda assim o Filho de Deus não o abandonou. Como líder, deixou o legado de que o verdadeiro exemplo se dá com a própria vida e não com uma parte dela.

Quando morreu na cruz, autenticou as palavras *“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas”* (Jo 10.11). Jesus, desde o princípio, sabia que a missão maior era salvar e que a cruz era indispensável. É importante o pastor saber onde chegar, qual o objetivo das suas ações. Hoje não precisamos ir para a cruz, porque Jesus já fez isso por nós. Nossa missão é mostrar o que Jesus fez. Mas não pense que não há sofrimento e desprezo em nossa missão. Lucas 9.23 nos lembra que *“Jesus dizia a todos: ‘Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me.’”*

As palavras de Hybels nos desafiam a prosseguir a despeito das adversidades: *“Algum dia, ficaremos face a face com o Filho de Deus que nunca desistiu de seu chamado redentor. Vamos ficar face a face com*

o Consumador, que não desistiu quando seus ensinamentos foram criticados; quando seus seguidores de confiança desertaram; quando foi ridicularizado, espancado e cuspidor; quando os pregos foram cravados, através de suas mãos e de seus pés e quando seu sangue expiator foi derramado de suas veias na poeira sob a cruz. Somente quando o ministério de Jesus foi completamente cumprido, quando sua corrida foi completada, ele disse, com autoridade, estas palavras finais: ‘Está consumado. Meu trabalho acabou. Fiz o que meu Pai me pediu. Perseverei por todo o caminho, até o fim, e cumpri o meu ministério’²⁸.

- **Para refletir: Qual foi a motivação maior para que Jesus suportasse a cruz? Como praticar isso em nosso Ministério?**

A recompensa de um bom líder

“Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (vs. 9-11).

Jesus foi o líder mais excelente que o mundo teve. Insuperável em todos os aspectos. O Servo que se tornou Senhor. Ele foi exaltado à mais alta posição e recebeu o nome sobre todo nome, sendo Senhor sobre todas as coisas. A glória que recebeu foi equivalente à sua humilhação. A recompensa foi proporcional à sua humildade. Por isso, o reino das trevas treme diante do nome de Jesus. E no futuro, todos se curvarão diante dele, até mesmo quem o desprezou. Ele se identificou com as nossas fraquezas para que no futuro pudéssemos nos identificar com a sua glória.

O caminho para a paz, a glória e o sucesso é o mesmo caminho da humilhação e do abandono de interesses egoístas em benefício da comunidade.²⁹ Um bom pastorado terá a sua recompensa. A Bíblia, que nunca falhou, diz que receberão:

- **Glória eterna:** *“Aqueles que são sábios reluzirão como o brilho do céu, e aqueles que conduzem muitos à justiça serão como as estrelas, para todo o sempre” (Dn 12.3).*
- **Coroa da justiça:** *“Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2 Tm 4.8).*
- **Coroa de glória:** *“Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória” (I Pe 5.4).*

Nada que fizermos para o Reino de Deus será em vão. Empenhem-nos na obra do Senhor: *“E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos” (Gl 6.9).* Não espere recompensa no tempo presente. Se receber alguma honra, agradeça e glorifique o Senhor. A recompensa mesmo virá no futuro, quando ouviremos: *“... Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!” (Mt 25.23).*

Pr. Elias Alves congrega na IAP em Boqueirão – Curitiba (PR) e integra a equipe do Ministério de Vida Pastoral. Texto produzido originalmente para o Unificado – Encontro de Lideranças 2018.

28. HYBELS, B. *Liderança corajosa*. São Paulo: Editora Vida, 2002. p. 249.

29. ADEYEMO, T. *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 1.481.

A pressão sobre a vida sexual

Pr. Aldo de Oliveira e Dsa. Lilian Mendes



Lidar com as pressões do ministério é algo complexo e bastante desafiador. Mas quando há, entre o pastor e sua esposa, uma relação de companheirismo, ajuda mútua e aliança, é inegável que a vida ministerial se torna menos árida. Salomão expressa a força da parceria no casamento no texto de Eclesiastes 4. 9-12:

Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Também, se dois dormirem juntos, eles se aquecerão; mas um só, como se aquecerá? E, se alguém prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa.

É maravilhoso poder contar com a ajuda do marido ou da esposa, nos levantando nos momentos em que pensamos em desistir, em que a pressão externa se acirra. É um bálsamo poder compartilhar com o(a) companheiro(a) situações que, às vezes, não podem ser levadas a mais ninguém, conversando e orando juntos, em uma manifestação prática do cordão de três dobras, citado por Salomão: marido, esposa e Deus.

Neste tipo de relacionamento, o que mais vale não são os padrões modernos idealizados pela exaltação da beleza física, do “sucesso amoroso”. O que mais se sobressai é a intimidade de vida, que abrange a área espiritual, emocional e sexual. Casais que entendem que não basta compartilhar a cama, pois é necessário compartilhar a vida, se tornam, de fato, um cordão de três dobras e mais resistentes às pressões externas.

Porém, é triste notar que alguns casais, em busca de darem o máximo de si no ministério, deixam apenas as sobras um para o outro. O diálogo se torna cada vez mais raro e difícil, os momentos devocionais em comum se tornam opacos e a intimidade sexual cai na rotina. É um equívoco tremendo agir assim!

Lembrem-se que Deus reservou para nós, maridos e esposas, unidos no Senhor, algo que o mundo não desfruta: o prazer sexual de maneira santificada. No pecado, as pessoas podem até desfrutar de prazer, mas é um sentimento que não perdura, não satisfaz, não gera intimidade com o outro, é puramente a satisfação de um ímpeto carnal. No leito sem mácula (Hb 13.4), com a bênção de Deus, é totalmente diferente. É a satisfação de desejos sexuais, sim, mas vai além disso, gera uma aproximação que não é apenas física, mas emocional. Para expressar essa proximidade tão intensa e insubstituível, Deus usou as seguintes palavras: “... o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e **eles se tornarão uma só carne**” (Gn 2: 24). Uma só carne: quanta complexidade nesta expressão! Não é interessante pensar que Deus dotou homem e mulher de um sofisticado sistema, que envolve órgãos, terminações nervosas e estímulos, para culminar no prazer sexual?

O presente chamado casamento

Mas o que estamos fazendo com esse presente chamado casamento que Deus nos entregou? Precisamos cuidar dele, para que continue sendo o cordão de três dobras, resistente às pressões. “Se alguém prevalecer contra um...” nos adverte Eclesiastes 4. Sabemos que Satanás não cessa em tentar prevalecer contra nós. Ele bem sabe que se um cristão cai, é lamentável, mas se um pastor ou esposa naufragam em seu casamento, é um escândalo que impacta toda uma comunidade de fiéis.

Na Igreja Adventista da Promessa, entre 2016-2018, infelizmente tivemos 26 casos de pastores ou esposas que foram disciplinados por lascívia, pornografia, assédio sexual, adultério, envolvimento amoroso ou abuso sexual, segundo dados da Câmara Disciplinar. Os números por si só já nos impactam e quando pensamos nos desdobramentos sobre a vida dos casais envolvidos, seus filhos, familiares e as igrejas que lideravam, temos um vislumbre mais apurado do sofrimento causado pelo pecado.

Não podemos apenas disciplinar os envolvidos. Esse é um processo importante para o reconhecimento do erro mas, como igreja, precisamos atuar no acolhimento, na reinserção dessas pessoas ao ministério, crendo que a disciplina de Deus é restauradora. Como Ministério de Vida Pastoral, o socorro a estes pastores, esposas e filhos é uma de nossas prioridades.

Mas também precisamos fortalecer aqueles que estão lutando por manterem o cordão de três dobras resistente às pressões. Precisamos conhecer as armadilhas com as quais o inimigo tenta prevalecer contra nós, a fim de que possamos lhe resistir, como casal dependente da graça de Deus.

Plano original de Deus

É evidente que a Queda trouxe consequências em todas as áreas da vida do ser humano, mas o plano original de Deus continua vigente, nos apontando que Cristo morreu para nos resgatar como ser integral, o que inclui nossa sexualidade.

Durante muito tempo, a igreja de Cristo teve sérias dificuldades para focar os assuntos relacionados à vida sexual dos casais. Sexo foi considerado um tema banido de nossos templos durante décadas, como se não fizesse parte da vida. Ou, como se Deus tivesse criado o casamento, mas não o relacionamento sexual. Esta situação foi amplamente favorável ao diabo, pois enquanto nos calávamos sobre o relacionamento sexual que agrada a Deus, descrito em sua Palavra, ele disseminava a perversão sexual no mundo e atingia a igreja.

Parece que, na mente de muitos cristãos, durante algum tempo, sexo era “coisa do diabo”. Ele se aproveitou disso e espalhou este conceito em nossa cultura. Uma música da cantora Rita Lee (Amor e Sexo) define: “...Amor é cristão, sexo é pagão... Amor é divino, sexo é animal...” Ou seja, o amor está ligado a Deus, mas o sexo é domínio do inimigo, segundo esta ideia.

Graças a Deus, os conceitos errôneos em torno do assunto foram caindo e a igreja de Cristo percebeu que precisava falar do tema, pois muitos cristãos – incluindo pastores e esposas – estão se perdendo justamente nesta área.

O caminho perigoso do assédio

Inicialmente, é preciso levar em conta a definição de assédio assexual: uma série de condutas que desrespeitam a liberdade e a integridade física, moral ou psicológica das vítimas.

O crime de assédio sexual ocorre quando existe hierarquia entre a vítima e o agressor. É preciso diferenciar assédio de importunação sexual, definida pela Lei 13.718, de setembro de 2018. Com isso, tornou-se crime qualquer ato sexual, sensual ou erótico praticado sem o consentimento da vítima.

A prática do assédio e da importunação sexual, infelizmente, vem se tornando mais comum do que muitos de nós possamos imaginar. A conduta pecaminosa cresce no ambiente de trabalho, no trajeto entre a casa e o trabalho, na internet e, lamentavelmente, até na igreja.

Em 2015, nos Estados Unidos, o vazamento de informações de um outro site destinado a relacionamentos extraconjugais trouxe uma consequência desastrosa. O pastor John Gibson era um dos milhares de usuários que tiveram sua privacidade exposta pela invasão de hackers ao site Ashley Madison, conhecido por seu slogan: “A vida é curta. Curta um caso.” Lamentavelmente, o pastor não conseguiu lidar com as consequências do pecado e tirou sua própria vida, apenas seis dias após o escândalo.

A palavra grega “sieve” traduzida como “assédio” é um termo militar que literalmente significa rodear como num cerco. É o que pode acontecer na vida sexual de um homem ou uma mulher. Os pensamentos e desejos podem se tornar tão habituais que parecem rodear como um exército que faz um cerco a uma cidade. Essa pressão perigosa pode ser vencida se estivermos alertas para não sermos subjugados por esse “cerco”.

Em Mt 5.27-28 (NVI), lemos a advertência de Jesus: *“Vocês ouviram o que foi dito: Não adulterarás. Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração”*.

Analisando o texto de Mateus podemos entender dois alertas deixados por Jesus. Ele adverte contra o pecado do adultério e também destaca como o processo pode se iniciar de maneira sutil, por um simples olhar seguido de pensamentos impuros.

Entendemos que tanto o homem quanto a mulher tem desejos sexuais que devem ser saciados, por isso, ambos estão sujeitos a viver o dilema do desejo proibido. Parafraseando o texto e aplicando-o ao universo feminino também podemos registrar: *“Vocês ouviram o que foi dito: Não adulterarás. Mas eu lhes digo: qualquer mulher que olhar para um homem para desejá-lo, já cometeu adultério com ele no seu coração”*.

Como a sedução se apresenta

Shannon Ethridge, em seu livro *A batalha de toda mulher*,¹ propõe um teste para que as mulheres casadas possam avaliar se estão andando em “terreno perigoso”. Mas o teste pode ser adaptado, para servir de reflexão também aos homens:

1. ETHRIDGE, S. *A batalha de toda mulher*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

- Você pensa nessa pessoa com frequência (várias vezes por dia) mesmo quando ele (ela) não está presente?
- Você se veste pensando se vai ou não vê-lo(a)?
- Você se esforça para encontrá-lo(a), esperando ser percebido(a)?
- Procura desculpas para ligar, a fim de ouvir a sua voz?
- Encontra razões para escrever mensagens, esperando ansiosamente pela resposta?
- Fica imaginando se ele(a) sente alguma atração por você?
- Você deseja falar ou passar tempo com essa pessoa, longe dos ouvidos ou dos olhos dos outros?

É importante entendermos que homens e mulheres devem tomar o devido cuidado para se manterem íntegros na área sexual. Para o homem, com a sexualidade mais ligada às características físicas, o cuidado redobrado deve ser com o olhar. Já as mulheres, com a sexualidade mais ligada às emoções, o cuidado deve ser com os pensamentos e sentimentos.

Portanto, mulher, redobre seu cuidado se você ouvir de um homem frases como estas, pois elas podem atingir em cheio suas emoções: “estava esperando ver você hoje”; “você está linda hoje, seu marido notou?”; “minha mulher e meus filhos estão viajando, estou sozinho em casa”; “será que seu marido valoriza a pessoa maravilhosa que você é?”.

Dessa forma, as mulheres se tornam mais suscetíveis a uma relação extraconjugal quando não têm suas necessidades emocionais satisfeitas pelo marido. A falta de romance, afinidade, cumplicidade, carinho, atenção e comunicação são motivos fortes, mas a satisfação sexual também é um fator que pesa muito para a mulher. Muitos maridos apenas se relacionam fisicamente com a esposa, sem se preocuparem se ela alcançou o prazer.

Para os homens, por sua vez, a sedução pode se apresentar como a mulher que procura um aconselhamento, frágil e indefesa. Ou com uma “despretensiosa” conversa no Whatsapp, que vai se tornando cada vez mais íntima até que o assédio se torne um adultério. Mesmo que a intimidade não avance para o terreno físico, lembremo-nos da advertência de Jesus, em Mt 5. 27-28, de que o relacionamento virtual também é pecado.

Historicamente, o adultério se consumou através do relacionamento sexual físico, mas nos tempos atuais o campo “virtual” pode ser também um terreno minado. A internet pode ser uma armadilha para o envolvimento extraconjugal. As conversas sem limites e a segurança da distância podem levar à ilusão de que não há problema algum em nutrir uma “amizade” virtual.

No livro *Sensato coração*,² de Jasiel Botelho e Marcos Kopeska, os autores descrevem de forma muito contundente como as fantasias agem em nossa mente.

Numa aula de psicologia pastoral, ouvi uma paráfrase que muito me esclareceu. O professor, Dr. Albert Friezen, citando Freud, disse que a fantasia sexual é como um artista que ficou preso no porão do teatro por muitos anos, não morreu, mas perdeu a noção de tempo. Para ele, o tempo parou enquanto apresentava a peça de ópera, mas foi interrompido e ficou trancafiado no porão. Depois de décadas, numa determinada noite, ele conseguiu escapar da cela que o prendia, subiu a escadaria e voltou para o palco. As luzes estavam acesas, o espetáculo anunciado. A noite estava acontecendo e a casa estava cheia. O velho tenor, antes prisioneiro, invade a cena, canta, rouba a atenção e, até que os seguranças cheguem para levá-lo de volta, o espetáculo da noite é prejudicado. O cantor é cantor e nunca deixou de ser. O palco é palco e está ali para ser utilizado. O velho artista só não sabia que o tempo era outro, o espetáculo e o público também. Fantasias podem surgir com afinação e boa apresentação, mas saem do porão para atrapalhar o espetáculo. Creio que a melhor prevenção contra as fantasias sexuais é uma vida sexual de excelência no casamento. A vida real do pastor deve ser excelente, o espetáculo deve ser atraente e seguro; se não for assim, a fantasia vai sair dos porões do subconsciente, ou do inconsciente, e subirá as escadas. Uma maneira de o pastor trair sua esposa sem adulterar é justamente ‘na fantasia’.

2. BOTELHO, J.; KOPESKA, M. *Sensato coração* - a sexualidade do pastor. São Paulo: United Press, 2013. p. 33.

A pornografia na igreja

Seguramente, a pornografia é uma das piores mazelas que a igreja vem enfrentando nestes tempos pós-modernos. Não é possível mais ter a ilusão de que os líderes cristãos – homens ou mulheres – estejam imunes a isso. Lamentavelmente, a deturpação do sexo está no meio da igreja. Portanto, devemos focar nossa atenção no cuidado, na prevenção e na restauração. Pela misericórdia de Deus e ajuda mútua, muitos cristãos que se envolveram com pornografia têm trilhado o caminho da confissão, do arrependimento, da libertação e da restauração de vida, do casamento e do ministério. Mas é uma batalha árdua, que demanda querer vencer o pecado.

Pesquisa realizada pela empresa de segurança Bitdefender, nos Estados Unidos, apontou que:³

- 1 em cada dez visitantes de sites de vídeos pornográficos tem menos de 10 anos de idade
- 26% dos adolescentes de 13 a 17 anos admitem assistir a pornografia pelo menos uma vez por semana
- 70% dos pastores de jovens cristãos dizem que tiveram pelo menos um adolescente vindo a eles nos 12 últimos meses em busca de ajuda para lidar com a pornografia

Um estudo de 2016 do Instituto Barna, nos Estados Unidos, apontou que 21% dos jovens pastores lutam contra a pornografia. Na sociedade em geral, cada vez mais pessoas estão se rendendo a ela e deixando de lutar. Uma pesquisa do Instituto Gallup, de 2018, mostra que a pornografia cresceu 7% entre a população, em relação ao ano anterior, e que 43% das pessoas acreditam que ela é moralmente aceitável.

Esse inimigo chamado pornografia não quer tragar apenas os homens. No Brasil, há 22 milhões de pessoas que consomem pornografia; destas, 24% são mulheres, segundo pesquisa encomendada em 2018 pelo canal a cabo Sexy Hot. A série de livros *50 Tons de Cinza*, com 65 milhões de cópias vendidas, revelou um mercado que ainda não havia sido explorado. Se as mulheres não se mostravam muito ávidas por assistir a pornografia explícita, elas se mostraram consumidoras vorazes da pornografia sutil, seja nos livros ou na série de filmes que “50 Tons” geraram. A indústria pornográfica está investindo cada vez mais na produção de conteúdo que cativa as mulheres.

É lamentável notar que, entre essas milhares de pessoas que estão sendo arrastadas para esse vício maligno, estão muitos cristãos, atraídos sorrateiramente, apenas por um clique ou bate-papo.

Para lidar e combater a pornografia, é fundamental entender que esse mecanismo se instala no cérebro como um verdadeiro vício, gerando uma sensação de prazer que vai deixando os amantes da prática cada vez mais entorpecidos e desejosos de uma dose maior, ou de uma experiência mais sedutora. Para entender o impacto da pornografia no cérebro, reproduzimos artigo do pastor e psicólogo Abner Morilha, apresentado no Simpósio de Casais Ministeriais em 2018.

Pornografia, o estupro do cérebro

Prof. Me. Abner Morilha⁴

O cérebro é um dos poucos órgãos que consegue se modificar. Ele faz isso como uma maneira de organizar e reorganizar todo o organismo. Ao receber sinais do meio ambiente, estes sinais são interpretados e uma resposta é emitida. O cérebro acessa as necessidades do corpo e a capacidade de

3. Fonte: Revista Ultimato, n. 372, jul./ago 2018.

4. Psicólogo, terapeuta e conselheiro.

memória nele instalada vai checar se estas necessidades foram atendidas e de que forma elas foram atendidas, se houve algum tipo de prazer ou recompensa por isso.

O que torna este órgão tão fantástico, além de outras variáveis, é que ele constrói uma série de circuitos que considera: “No passado eu me engajei neste comportamento e este comportamento me auxiliou a preencher aquela necessidade”. Logo, este comportamento é incluído em um repertório de comportamentos adotados.

Quando a pornografia é acessada, isso muda todas as coisas. Muda o jeito de se olhar para a mulher, muda o jeito de se olhar para o homem e muda o jeito de se pensar sobre si mesmo. Não podemos ser ingênuos ao tratar do assunto, não é possível pensar na excitação sexual ou na natureza sexual como se fosse um botão que se pudesse ligar e desligar. A sexualidade está sempre permeando qualquer relacionamento que tenhamos.

Portanto, o cérebro humano é realmente um instrumento maravilhoso. Ele olha em volta e vê diferentes cores, diferentes formatos e analisa o que é visto. Mas o cérebro também tem algumas coisas que ele mesmo procura e tem prazer em olhar. Por exemplo, ele procura por rostos, olhos, pele e avalia o conjunto todo e, talvez por uma questão também de instinto, ele procura por pessoas que o atraem sexualmente.

E quando analisamos a pornografia, que é um meio ou uma representação de algo mais, ela tira vantagem de tudo isso.

Um sinal é recebido e o cérebro se modifica por conta deste sinal. A pornografia então, não é um crime sem vítimas; não é um crime sem vítimas para as pessoas que movimentam milhões de reais nesta indústria do sexo; não é um crime sem vítimas para os que a produzem ou para os homens e mulheres que são explorados neste tipo de produção. Quando você vê centenas de homens e mulheres praticando atos sexuais com somente um clique do mouse, isso não é o que o cérebro espera. Historicamente falando, isso não é o que cérebro foi desenhado para esperar.

Chegamos em um ponto em que o cérebro está sendo estuprado pela pornografia, pois estas imagens estão sendo forçadas para dentro do cérebro pela internet.

Quando você ou um garoto de 11 anos clica em uma imagem indesejada que foi enviada por outra pessoa no seu e-mail, ou quando os *pops* aparecem sem qualquer aviso com imagens apelativas e pornográficas, isto é forçar a sexualidade dentro do cérebro. É realmente um estupro cerebral.

Entretanto, as pessoas podem escolher abraçar ou não abraçar isso. Quando a pessoa decide não abraçar, esta situação é bem semelhante a de um fumante passivo. A pessoa não escolhe respirar o veneno que a outra pessoa está exalando, ela simplesmente é exposta a isso. A pessoa pode decidir se afastar desta situação ou pode decidir se tornar um fumante. É o que, infelizmente muitas vezes, acontece: a pessoa escolhe começar a fumar, inalar a nicotina em seu organismo e começa a ficar viciada. Pornografia pode começar assim, como um fumante passivo em nossa cultura. As pessoas “levam o cigarro até a boca” e se tornam dependentes.

Tenha em mente que o cérebro é parte do corpo. O que ele está vendo e recebendo não afeta somente o cérebro, mas o organismo todo, pois é o cérebro que dá ordem para o corpo ficar excitado. Esta é a maneira como ele foi constituído. E quando o cérebro vê pornografia, especialmente quando ele não é regularmente exposto a isso, ele responderá e criará uma certa excitação. Esta é a função dele.

O cérebro libera adrenalina no corpo e ele também tem a sua própria versão de adrenalina, chamada noradrenalina. Este é o neurotransmissor que nos ajuda a levantar de manhã e também nos ajuda a formar as memórias a longo prazo.

Uma outra substância ou neurotransmissor que também é produzida e lançada no cérebro, não apenas dos seres humanos, mas em quase todos os mamíferos, é a dopamina. Este neurotransmissor ajuda as pessoas a manterem o foco e a ficarem concentradas naquilo que é importante, e dá a elas a capacidade de aprimorar-se nas coisas que são importantes no ambiente.

A dopamina ajuda no processo de concentração. Infelizmente, a dopamina também está associada a muitas drogas como a cocaína, anfetamina, maconha e a maioria das substâncias que têm relação com a dependência e o vício. Uma terceira substância, chamada endorfina, é liberada, por exemplo, como resposta a um orgasmo.

Portanto, quando a pessoa satisfaz sua necessidade sexual – isso acontece normalmente quando se tem um orgasmo, quando há ejaculação – a endorfina é liberada. Isso dá a sensação de euforia, de prazer e libera a tensão do corpo.

Há um outro elemento que é produzido e liberado no cérebro: a serotonina. A serotonina é o conector do humor, é aquele que levará a pessoa a ter uma sensação de bom humor.

Ocitocina e vasopressina também são pequenos hormônios liberados em nosso cérebro. E estes hormônios, em palavras simples, são aqueles que ligam todas as coisas, e irão conectá-las ao que precisamos. Se alguém tem suas necessidades sexuais satisfeitas porque fez amor com sua esposa ou com seu marido, e eles estão ligados um ao outro, isso é algo bom!

Entretanto, se o indivíduo está inserido na pornografia, a pessoa não está ligada ou vinculada a uma pessoa. O indivíduo está ligado a uma representação de uma pessoa. Com o tempo, será difícil ficar suficientemente excitado com apenas uma imagem, de modo que a pessoa que se utiliza da pornografia normalmente terá que olhar para muitas imagens e se masturbará com elas. No final do dia, ela estará vinculada a esta sequência de ver a pornografia (e talvez haja um tipo específico de pornografia que a pessoa prefira), então ela sempre voltará para este tipo de pornografia.

A ocitocina e a vasopressina, junto com todos esses outros elementos químicos e hormônios, de fato prendem a pessoa nesta sequência de comportamento e rituais. É nisto que ela volta para satisfação de suas necessidades.

Prisão sutil

Em entrevista à *Revista Ultimato* (jul./ago. 2018), a missionária Andrea Vargas, que trabalha com temas ligados à sexualidade, explica que “não se costuma usar pornografia imaginando o que ela possa desencadear com o tempo, mas estudos mostram que seu uso tende a atingir um limite e, a partir daí, a pessoa precisa aumentar a dose de estímulo para obter a mesma ou uma maior intensidade de prazer.” Veja que não se difere em nada da construção de um vício. “E todo vício tende a levar à morte”, ressalta Andrea Vargas.

Infelizmente, temos presenciado a pornografia matar espiritualmente muitas pessoas e, conseqüentemente, muitos casais. A pessoa que pratica a pornografia precisa mentir para manter a vida dupla e quando a prática é descoberta, não importa se houve envolvimento físico ou não, a dor da traição é intensa para o cônjuge não usuário. Contudo, é possível vencer a pornografia e salvar a própria vida e o casamento, mas será necessária muita persistência. Podem haver recaídas no meio do caminho, mas vale a pena lutar.

Pare enquanto é tempo!

Para quem está trilhando o perigoso caminho do assédio ou da pornografia e deseja parar antes que seja muito tarde e as conseqüências, muito danosas, o primeiro passo é reconhecer a gravidade do erro. Enquanto você agir como se tudo não passasse de uma brincadeira, um jogo de sedução, com o pensamento equivocado de que “tudo está sob controle”, de que você para o jogo na hora em que quiser, o inimigo vai levá-lo para cada vez mais longe, até que o plano dele tenha êxito. Reconhecer significa admitir que você está em pecado.

Tudo começa pela confissão do pecado diante de Deus. Em I Jo 1.9 aprendemos que: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça.” Confessar pecados não é ter uma conversa vaga com Deus, mas dizer com todas as letras o que estamos praticando ou pensando, pedindo dele forças para nos libertar da prática.

Segundo o Pr. Abner, o caminho para se ver livre do vício ou compulsão passa por três pontos: a) reconhecer que você tem este problema; b) querer sair da situação; c) procurar ajuda.

Vencer a tentação demanda atitudes, portanto, você deve romper imediatamente com a prática. Não adie para amanhã, pode ser muito tarde. Em Provérbios, capítulo 5, em que Salomão nos adverte a deixar a lascívia, lemos: “Fique longe dessa mulher; não se aproxime da porta de sua casa” (v. 8). Podemos parafrasear e ampliar para melhor entendimento nos dias de hoje: “...não se aproxime da porta de sua casa, de sua mesa de trabalho, de seu Whatsapp, Facebook, Twitter, e-mail etc”. A relação com o pecado deve ser cortada pela raiz, para ser vencida.

No caso da pornografia, o Pr. Abner cita algumas atitudes que ajudam muito a deixar o vício:

1. Prática de exercícios

Exercitar-se ajuda de uma maneira impressionante qualquer vício, mas especialmente o vício em pornografia, pois ajuda a aliviar com o estresse e todas aquelas emoções que ignoramos e lidamos com elas através do vício.

2. Conduta de honestidade

Escolha uma pessoa com a qual você possa ser completamente honesto. Mesmo que seja difícil, vergonhoso ou doloroso ser honesto quando tiver que falar que você é viciado em ver esse tipo de imagens ou vídeos.

Mesmo que você seja pastor ou esposa de pastor, não se iluda de que é forte o suficiente para triilhar esta caminhada sozinho(a). Procure algum amigo de ministério ou, no caso das esposas, alguma outra esposa de pastor, que poderá ser instrumento de Deus em sua vida, animando-o(a) quando pensar em desistir.

3. Métodos de prevenção

Faça uma lista de coisas que você pode fazer quando a tentação chegar. A lista deve ter pelo menos dez coisas que lhe ajudam e fazem você se sentir bem. Se uma não funcionar, faça a outra. O que importa é fazer com que a ansiedade diminua.

4. Métodos de acesso

Instale programas e novas senhas que outras pessoas também saibam, para computadores e celulares, já que são os dispositivos mais comuns para ver a pornografia. Elimine qualquer coisa que possa lhe facilitar o vício, seja no trabalho ou em casa.

5. Pausa diante da ansiedade

Como qualquer outro vício, o vício em pornografia se torna uma maneira de lidar com emoções com as quais não queremos lidar. É importante entender que estas são simplesmente emoções e que não importa o quão forte sejam, não farão você explodir. Quando sentir tristeza, raiva, ansiedade ou qualquer emoção que faça com que você queira “fugir” e ver pornografia, primeiro faça uma pausa para respirar profundamente várias vezes. Com o tempo você irá perceber que essas emoções passam sem você precisar recorrer à pornografia. Dessa maneira, você aprende a lidar com elas, em vez de evitá-las.

6. Exercitar a espiritualidade

Faça um mergulho na Palavra de Deus, leia, medite, ore e procure se relacionar com o Corpo de Cristo. Fuja do isolamento social. Por causa da vergonha, não raras vezes, as pessoas que estão neste vício se isolam e param de se relacionar, isto é uma armadilha, pois o apoio social é fundamental para o sucesso.

Não se engane de que você é forte o suficiente para lutar sozinho(a), confiando(a) apenas em você mesmo(a). Busque diariamente o auxílio do Espírito Santo, para vencer a pornografia ou o assédio. Admita sua total dependência de Deus e busque-o em todo o tempo, ele é poderoso para lhe dar a vitória. *“Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar”* (1 Cor 10.13).

Andrea Vargas lembra que “as pessoas costumam ter uma enorme dificuldade de envolver Deus em sua sexualidade, em função do dualismo, religiosidade, orgulho etc.” Talvez você vá precisar de uma rede de ajuda – aconselhamento pastoral, ajuda psicológica e, em alguns casos extremos de ansiedade, até auxílio médico – mas não podemos menosprezar o poder da Palavra de Deus em nossa vida.

Também é fundamental pedir a Deus que restaure a afeição, o amor, o respeito, a admiração por seu cônjuge, pois, muito provavelmente, há desgastes em seu casamento. Enxergar apenas os defeitos do outro e potencializá-lo é o caminho mais rápido para ressentimentos e separações. Deus pode restaurar o sentimento que você nutria por ele(a) quando se conheceram, quando namoravam, quando se casaram. O amor que aprecia apenas as virtudes não é o amor segundo a Palavra de Deus. O amor bíblico continua forte e estável apesar dos defeitos do outro.

É importante resgatar o tempo juntos que, provavelmente, se perdeu. Há casais que dizem não terem tempo para o diálogo, para a oração, para o culto doméstico, para passearem juntos, mas permanecem durante horas, todos os dias, à frente de um computador ou nas redes sociais, conversando com outras pessoas. Se os meios de comunicação estão impedindo a nossa comunicação “olho no olho”, aquela que não pode ser substituída, devemos ter equilíbrio e nos desligar um pouco da TV, da internet, do celular, para dar atenção a quem realmente merece. Há casais que só se falam pelo Whatsapp, lamentavelmente! Pelo bem de seu casamento, pelo bem de sua vida íntima, não permita que nenhum atrativo da vida moderna roube o lugar de seu marido ou esposa.

Só vence quem persevera

Quando a pressão for forte demais e você sentir “saudades” do pecado, lembre-se do gosto amargo deixado em sua vida pela culpa, remorso e arrependimento. Lembre-se também de um personagem bíblico que foi tentado em seu limite, mas resistiu.

A Bíblia registra em Gênesis 39 uma parte da história de José. Ele tinha todos os motivos para cometer um pecado sexual. Havia sido aprisionado pelos irmãos, vendido a mercadores e agora estava no Egito, longe da sua casa, da sua família, do seu país, até que foi parar na casa de Potifar, capitão da guarda de Faraó. José trabalhava tão bem que Potifar confiou tudo o que possuía nas mãos dele, **menos sua esposa!**

A Bíblia relata que justamente, aquilo que era proibido a José o desejou: a esposa de Potifar. Ele era jovem, tinha desejos, não era casado e ela **o assediava todo dia** (Gn 39.10). José tinha motivos para pensar: “Senhor, estou tão carente. E afinal, não será um erro meu, pois é ela quem está me assediando. Potifar confia tanto em mim, nunca vai descobrir.”

Mas, ao contrário, José resistia cada vez mais. Ela então armou uma cilada para envolvê-lo, mas ele não cedeu, conforme está em Gn 39.12: *“E ela lhe pegou pela sua roupa, dizendo: Deita-te comigo. E ele*

deixou a sua roupa na mão dela, e fugiu, e saiu para fora.”

O que fez José diante da tentação? Fugiu, correu para bem longe! Conhecemos a história, sabemos que ele pagou um alto preço por ser fiel a Deus. Foi lançado na prisão, diante da mentira da mulher, mas depois de alguns anos, Deus restaurou sua vida e ele foi nomeado governador do Egito!

Analisando a história de José, podemos concluir: É difícil resistir à tentação? Sim! Mas é possível resistir à tentação? Sim! Confesse seus desejos pecaminosos e busque forças em Deus. Peça a Ele pela restauração da sua vida e de seu casamento. Tenha atitudes de prevenção ao pecado e busque um(a) amigo(a) que seja seu (sua) conselheiro(a) e intercessor(a) na caminhada. Lembre-se: **só vence o pecado quem persevera!**

Pr. Aldo de Oliveira é diretor do Ministério de Pastoral e secretário da Junta de Missões da Convenção Geral. Dsa. Lilian Mendes integra a equipe do Ministério de Vida Pastoral. Ambos congregam na IAP em Vila Maria (São Paulo, SP).

Pressão sobre a vida financeira

Pr. Elias Higino, Pr. Efraim Teixeira, Pr. Joazir Nunes, Pr. Aldo Oliveira

“Na casa do sábio há comida e azeite armazenados, mas o tolo devora tudo o que pode” (Pv 21.20).

O objetivo desse tema é conduzir a família pastoral a uma reflexão sobre como lidar sabiamente com o seu dinheiro, encorajando-a a ser econômica e controlada em suas finanças.

A pressão financeira é uma realidade em todas as famílias, mas no caso das famílias pastorais o controle das finanças é uma necessidade urgente, principalmente em momentos de crise como vivemos há alguns anos. Queremos proporcionar a reflexão sobre o tema, com o objetivo de evitar que ministérios sejam abreviados e comprometidos por descontrole nessa área, que é vital para a família.

A observância desses princípios bíblicos tem por finalidade ajudar três tipos de famílias pastorais:

- A família pastoral que está com as finanças bem ajustadas, com os proventos maiores do que os gastos
- A família pastoral que está com as finanças no limite, com os proventos iguais aos gastos, mas precisam ter atenção para não serem envolvidas em dívidas e descontrole financeiro
- A família pastoral que está em crise financeira, com os proventos menores do que os gastos, endividada e precisa de ajuda para sair do problema que se envolveu

A ajuda só acontecerá realmente se cada família fizer sua autoavaliação, se deixar ser examinada e confrontada pela Palavra de Deus, percebendo as razões porque está endividada e em crise, perdendo sua paz, seu testemunho, seu ministério e deixando de ser modelo familiar em saúde financeira.

Para a família pastoral que não está endividada, que continue financeiramente saudável, se prevenindo, sem dívidas, para que o nome de Deus seja glorificado através de suas finanças.

Desejo ou necessidade

Tiago 4.3 registra: *“Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres”*. O mundo se tornou hedonista (a filosofia do prazer a qualquer custo ou até sem poder pagá-lo) e isso impacta até a igreja. O conhecimento dessa realidade precisa nos levar ao cuidado para prevenirmos problemas.

Um grande segredo para o sucesso na administração das finanças é saber distinguir **desejo** e **necessidade**.

Necessidade é algo de que realmente precisamos, sendo que existem bens de maior ou menor grau de necessidade.

Desejo é algo que queremos, simplesmente por querer, que pode ter o hedonismo como motivação.

Sem o objeto do desejo, a pessoa consegue viver. Assim, antes de realizar uma compra, sobretudo se for de grande valor e comprometer parcela considerável da renda da família, deve-se perguntar: eu realmente preciso comprar este bem ou serviço ou simplesmente é fruto de um desejo? Agindo assim,

de modo racional, existe menor possibilidade de se arrepender posteriormente. Dessa forma, temos que atender primeiro às necessidades, para depois satisfazer os desejos, caso seja possível. Primeiro deve vir o que é necessário, para depois, o supérfluo.

Infelizmente, parte das pessoas não age dessa forma. Compram por impulso ou de modo compulsivo, querendo satisfazer primeiro os desejos e, quando as necessidades chegam, o dinheiro acabou e alguma forma de endividamento é a saída para a solução do problema.

Administre bem os seus recursos financeiros

Sempre justificamos que, se ganhássemos mais, não teríamos problemas financeiros, mas qual é a verdadeira causa? O descontrole das finanças pessoais não é em função de quanto ganhamos, mas a forma como administramos o dinheiro que ganhamos. Independentemente se o pastor é de tempo integral (assalariado pela igreja) ou tempo parcial (voluntário), sua família deve estabelecer o padrão de vida de acordo com o definido para a sua remuneração. Claro que existem imprevistos que podem comprometer momentaneamente as finanças, porém devem ser situações específicas, não podem se tornar rotina.

Quando administramos bem as finanças da família?

- Quando agradamos a Deus
- Quando traz bem-estar para toda família
- Quando o cônjuge e filhos participam da construção dos sonhos e projetos
- Quando não se compromete a comunhão familiar

Sete hábitos que fazem gastar mais do que se ganha

O que leva alguém a nunca conseguir guardar dinheiro ou a ficar endividado? A resposta é simples: gastar mais do que ganha. Mas quais são os motivos que levam a esse descontrole financeiro?

Segundo o educador financeiro Reinaldo Domingos, presidente da DSOP Educação Financeira, em artigo publicado no UOL em outubro de 2016,¹ são sete os fatores que impedem as pessoas de cumprirem a eterna promessa de colocar as contas em ordem:

Iº - Falta de planejamento

Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar... (Lc 14.28-29).

A prudência no crente é uma das bênçãos da riqueza da graça de Cristo, que o faz encarar todas as situações da vida sem precipitação ou ansiedade, porém com cuidado, avaliação e moderação.

Não saber quanto ganha e quanto gasta é o principal fator de descontrole financeiro. É importante entender que deve ser considerado o valor líquido dos proventos como disponível para a organização financeira da família. A família não percebe que, na maior parte dos casos, o descontrole acontece por conta dos *pequenos gastos*, e *não das grandes compras*. Para corrigir isso, é preciso começar pelo orçamento doméstico.

1. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/financas-pessoais/noticias/redacao/2016/10/18/conheca-e-evite-sete-habitos-que-te-fazem-gastar-mais-do-que-ganha.htm>>. Acesso em: jan. 2019.

2º - Falta de educação financeira

É raro que alguém tenha aprendido a lidar com o dinheiro desde a infância. Normalmente, o assunto dinheiro é tratado em família quando acontece algum problema, como desemprego, por exemplo.

É importante que a família toda participe das decisões a respeito do uso do dinheiro e que as crianças sejam ensinadas a partir de uma idade que tenham compreensão do assunto, a lidar com ele por meio de mesada.

3º - Uso do crédito fácil

O descontrole também pode chegar ao abuso do crédito fácil, como cheque especial e cartão de crédito e também os créditos para endividados. Essas linhas de crédito têm os juros mais altos do mercado. Cuidado, pois são verdadeiras arapucas, armadilhas disfarçadas de soluções imediatas.

O ideal é evitar. Fuja dessa armadilha! Caso já esteja endividado, procure linhas de crédito mais baratas, renegocie e ou até mesmo venda algum bem. Também é interessante não ter limite de cheque especial e evitar os empréstimos e crediários.

4º - Parcelamentos

“...Vós não sabeis o que sucederá amanhã.” Comprar a prazo ou fazer negócios ou dívidas para um período prolongado é sempre arriscado, pois como diz o texto, não sabemos o dia de amanhã.

Outra filosofia do mundo e da igreja moderna é o imediatismo (total impaciência em esperar o tempo certo para que aconteça ou se possa ter alguma coisa). O imediatismo é condenado em Eclesiastes 3.1: *“Tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”*.

As consequências desse imediatismo é o crédito fácil, que se torna uma tentação difícil de resistir.

Ninguém quer mais juntar dinheiro para comprar alguma coisa, tudo tem que ser comprado já, mesmo que o preço triplique, quadruplique e resulte numa montanha de prestações e juros sobre juros que estrangulam a saúde financeira da família.

A conduta esperada do cristão fiel é: esperar Deus providenciar o recurso para poder comprar à vista e mais barato, ou pelo menos, em condições de pagamentos sensatos e em curto prazo.

O parcelamento é uma das maneiras mais perigosas de se perder o controle das finanças, porque as pessoas não percebem que já estão se endividando. Funciona como uma corda no pescoço que vai sendo apertada até asfixiar a família.

É uma forma de crédito, pois você está usando um dinheiro que não possui para comprar um produto ou bem de consumo. Exemplo: se a soma das suas parcelas, inclusive prestações do cartão de crédito, superarem 30% da sua renda líquida, você já está no caminho do superendividamento. É natural somar a parcela ao orçamento, mas o correto é somar o valor total do produto ou bem adquirido.

Caso o parcelamento seja necessário, ele deve constar do orçamento mensal, projetando as parcelas nos meses seguintes e, assim que receber os rendimentos, já deve separar o valor para pagar a dívida.

Tenha também uma reserva de emergência para arcar com despesas imprevistas.

5º - Falta de objetivo

Quem não tem um objetivo para o uso do dinheiro é mais propenso a gastar de forma irresponsável. Isso decorre pela falta de capacidade das pessoas de sonhar, vivendo apenas o presente. Para escapar disso, faça o seguinte exercício: pense sobre quais são seus sonhos para o futuro. Depois, dê um prazo para que eles aconteçam. Esse prazo deve ser realista, levando em conta o orçamento. Tendo isso estabelecido, poupe para esse fim. Assim que realizar um sonho, já planeje outro. O ideal é ter três objetivos: um de curto prazo (até um ano); um de médio (entre um e cinco anos) e um de longo prazo (acima de cinco anos).

Mas para se chegar à realização dos planos para o futuro, deve-se definir as prioridades de gasto e toda a família deve assumir o compromisso coletivo de disciplina na execução do orçamento.

6º - Comprar por impulso

O incentivo a comprar e gastar é diário, por meio das ações publicitárias. As mensagens são muitas, e as pessoas passam a acreditar que parte do que é oferecido é realmente necessário. Cuidado com o engano do prazer imediato em consumir algo que todo mundo tem, mas que a família não precisa.

O caminho para evitar isso é não comprar por impulso, mas questionar antes se o produto é realmente necessário. Outra dica é deixar para comprar em outro dia, quando terá tempo para refletir se realmente precisa dele. Deve-se fazer pelo menos três perguntas:

- A- Isso está no nosso orçamento?
- B- Tenho o recurso disponível?
- C- Preciso de verdade desse produto, bem ou aparelho?

7ª - Necessidade de status

Uma situação perigosa acontece quando o pastor lidera uma igreja em que o padrão financeiro dos membros é superior ao da sua família, e ele acaba seduzido a acompanhar a “escalada de compras” e costumes dos membros. Isso pode levar a família do pastor a alterar o padrão de vida para um nível que os proventos podem não suportar. É importante que se viva dentro do seu padrão, independente dos outros.

Achar que consumir é importante para ser aceito na sociedade faz com que se compre sem ter condições. Se quiser comprar algum bem, estabeleça como irá poupar para isso e em que prazo. Endividar-se para consumir não é aconselhável. A família pastoral deve se sustentar no tripé: Simplicidade, Dignidade e Fidelidade, conforme Filipenses 4.11-13.

Entendendo o ensino bíblico

Planejar

Planejar é uma medida preventiva importante. Para planejar os gastos é preciso, primeiro, organizar uma forma de saber, no dia a dia, para onde está indo o dinheiro da casa!

Que tal fazer um propósito em família: durante 30 dias, pelo menos, anotar todos os gastos? O segredo é ter disciplina total nesse período. Não pode haver gasto omitido. Depois de identificadas e classificadas as despesas, é momento de avançarmos no planejamento do orçamento da família!

Monte uma planilha. Antes, porém, precisamos entender que renda da família é diferente do orçamento da família. Renda da família se refere a todas as entradas e orçamento se refere a todas as entradas, menos dívidas e ofertas.

Controlar

Controlar é gastar de forma equilibrada. O conselho é: economize, não gaste todo o seu dinheiro. É certo que o desafio é grande. O apelo pelo consumismo é constante em nossa sociedade. Mas, em geral, é possível se organizar para poupar.

Não desanime, procure ajuda, tire suas dúvidas, seja perseverante. Siga em frente. Depois de praticar o controle do orçamento por alguns meses seguidos, sua família verá os resultados! Deus está no controle de sua família e vocês, no controle do orçamento.

Como organizar o orçamento doméstico

Como estão as contas da casa? A família consegue poupar ou todo mês entra no cheque especial?

Para arrumar as contas da casa e começar a poupar para realizar os objetivos de vida, é preciso fazer o orçamento doméstico. Reinaldo Domingos, especialista já citado, aconselha a família a se reunir e seguir esses passos:

I – Fazer um diagnóstico financeiro

Todos os gastos devem ser anotados minuciosamente para que a família possa saber quanto entra de renda e para onde está indo o dinheiro. Faça um teste, durante um mês toda e qualquer despesa deve ser anotada minuciosamente para fazer esse diagnóstico real.

Você pode escolher a melhor maneira de fazer o acompanhamento de seus gastos: uma planilha, um caderno ou aplicativos no celular.

2 – Reduzir os gastos desnecessários

Logo após a análise do orçamento doméstico quase sempre a família percebe que é possível reduzir de 20% a 30% dos gastos. Trocar de plano de celular ou de pacote de TV a cabo são alguns dos exemplos.

Em um primeiro momento, o cafezinho de todo dia ou a pizza da semana podem parecer inofensivos, mas são nos pequenos gastos que cometemos os excessos: o banho demorado, a taxa de conveniência ao adquirir ingressos pela internet etc

3 – Cuidar dos gastos fixos

Dizem os especialistas que as despesas fixas, tais como supermercado, água, luz, telefone, condomínio, escola, plano de saúde, TV a cabo, internet, idealmente devem estar limitadas a 50% da renda. *Se estiver muito acima disso, é hora de repensar o padrão de vida para adaptar-se à realidade da renda.*

Se a família estiver temporariamente endividada, é possível cortar despesas supérfluas para resolver esse desajuste temporário. Mas se os gastos fixos consomem a maior parte da renda mensal, é sinal que a família está vivendo acima do padrão de vida.

Para que possa viver melhor, deve reduzir esses gastos e se organizar para poupar ao menos 10% da renda todo mês. Isso deve ser uma decisão muito bem pensada, pois pode requerer uma mudança estrutural, como trocar de carro, para um mais barato, ou colocar os filhos na escola pública.

Código de Ética da Igreja Adventista da Promessa

A saúde financeira da família pastoral está alicerçada em princípios e valores cristãos éticos, fundamentais para o bem viver da família como *célula máter* da sociedade e que precisam fazer parte da conduta diária do pastor e sua família. Relembrando o que o Código de Ética orienta, nesta questão:

- I. Deveres do Pastor para com a **Vida Pessoal** - Art. 8º Incisos V, VIII e IX:
 - Desenvolver o caráter de modo a ser um modelo na conduta, na linguagem, no trato para com as pessoas, demonstrando pureza e respeito em todas as atitudes (I Pe 5.2-3; I Tm 4.12);
 - Procurar viver dentro dos limites do orçamento familiar, ser pontual nos compromissos financeiros; evitar, sempre que possível, ser avalista (Pv 6.1; 17.18; 22.26-27);
 - Devolver fielmente seus dízimos como dever pessoal e exemplo da igreja do Senhor (Mt 23.23).

- II. Deveres do Pastor para com a **Família** - Art. 9º Incisos VII e VIII:
 - Suprir as necessidades da família, providenciando o sustento adequado, o vestuário, a educação, assistência médica, bem como o tempo necessário para manter a harmonia familiar (SI 128; I Tm 3.4,5; Tt 1.6; Lc 11.11-13).
 - Procurar sempre discutir o orçamento familiar com os membros da família, traçar objetivos para o futuro e destacar as prioridades (Pv 21.5, 20.18, 15.22; Lc 14.28-32).

III. Deveres do Pastor para com a **Igreja** - Art. 10º Incisos IV e VII

- Rejeitar, quando pastor em tempo integral, qualquer outro trabalho remunerado, exceto as atividades ministeriais aprovadas pelas Convenções Geral e Regional (1 Tm 6.9; 2 Tm 2.4).

IV. Deveres do Pastor para com o **Trabalho** - Art. 11º Inciso II

- Exercer o ministério com idoneidade, amor, humildade e obediência aos santos ensinamentos de Deus.

Quanto ao trato financeiro da Família Pastoral, encontramos nos itens: 12 e 31 do Manual da Igreja Adventista da Promessa, no título: A DISCIPLINA ECLESIASTICA – *Infrações e Classificações*, a tipificação da infração explicitada a seguir:

- Considera-se conduta imprópria: a- Prática de não honrar compromissos financeiros; Item 13 Classificação da conduta: “... a- Suspensão de cargos e funções pelo prazo de 90 (noventa) dias, em caso de primariedade; b- Suspensão dos Direitos de Membro pelo prazo de 120 (cento e vinte) dias, em caso de reincidência;
- Considera-se apropriação indébita, a posse, como seus, de finanças e ou bens da Igreja Adventista da Promessa, em razão de cargo ou não, hipótese em que sujeitará o infrator à pena de perda de cargos e funções e pelo prazo de 18 (dezoito) a 30 (trinta) meses, a suspensão dos direitos de membros, sem prejuízo da devolução devidamente atualizada, quando for o caso.

Disciplina para a vida financeira

Manter a vida financeira em ordem é como fazer exercícios físicos. É preciso disciplina, planejamento e força de vontade. E os resultados também são parecidos. Se os exercícios garantem saúde física, a organização financeira garante tranquilidade para lidar com emergências e ajuda a realizar sonhos.

Cada família pastoral precisa tomar a decisão de ser determinada em perseguir os objetivos e alcançá-los, colocando tudo em obediência ao Senhor. “*Confie os teus cuidados ao Senhor e ele te susterá. Jamais permitirá que o justo seja abalado*” (Sl 55.22).

Material elaborado com base na Lição Bíblica 317 – lição 7 – O Cristão e o Dinheiro – pelo Pr. Joazir Nunes e adaptado pelos pastores Elias Higino, Efraim Teixeira e Aldo Oliveira

Contentamento com menos

Por Jonathan Simões Freitas

Em sua oração, Agur pediu a Deus que o livrasse de duas tentações simétricas que rondam o contentamento no Senhor: desprezá-lo, estando rico, ou desonrá-lo, estando pobre.

[...] não me dêis nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção de costume; para que, porventura, estando farto não te negue, e venha a dizer: Quem é o Senhor? ou que, empobrecendo, não venha a furtar, e tome o nome de Deus em vão.²

Para nem mesmo correr o risco de cair em tentação, o sábio fez um pedido radical: a rejeição tanto do estado de pobreza quanto do de riqueza, mantendo a sua condição mediana costumeira, a fim de ter somente o necessário (“dá-me apenas o alimento necessário”, NVI). Realmente, como concluiu Jesus, se algo nos faz pecar, isso pode ter consequências tão sérias que é melhor cortar o problema pela raiz enquanto é tempo.³

Contudo, nem sempre é possível evitar a queda porque se tem medo de altura. Algumas vezes, seremos provados em nosso contentamento em Deus. Seja por termos de subir uma escada, seja por termos de descer uma ladeira. E, como todos sabemos, passar em uma prova requer aprendizado. Isto é: por mais que peçamos para ter somente o essencial (se é que pedimos isso), alguns de nós experimentarão situações de “fartura” e, ou, de “fome” (sim, fome) e terão de aprender a não cair no desprezo nem na desonra ao Senhor, mesmo estando vulneráveis.

De fato, esses termos foram tomados emprestados do apóstolo Paulo, que, depois de um longo processo de submissão a circunstâncias econômico-financeiras diversas, pôde afirmar seu contentamento em Deus.⁴ Portanto, por um lado, como o apóstolo afirma nessa passagem clássica, lidar com cada polo dessa dualidade pobreza-riqueza demanda uma sabedoria específica: “sei” e “sei também”. Por outro lado, o aprendizado fundamental é um só: estar “em Cristo”. Ou seja, relativizar qualquer condição transitória desta vida ao nosso “estado” eterno no Senhor absoluto.

Mas não nos enganemos: “estar” nele sob circunstâncias desafiadoras não se reduz a algo estático, impassível, mas envolve uma tensão dinâmica de continuamente voltar o olhar para Cristo, na expectativa confiante de receber a sua força – a única que verdadeiramente nos empodera para lidarmos com “todas as coisas”. Como Timóteo exortou, “[Não] ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação”.⁵ A esperança do sustento satisfatório precisa ser constantemente (re)colocada no Senhor.

Nos últimos anos no nosso país, muitos de nós experimentamos perda de receitas e aumento de despesas, o que certamente fez alguns caírem em amargura para com o Senhor, como aconteceu com Noemi.⁶ Eu mesmo fui tentado a isso e, infelizmente, caí – e ainda caio por vezes nessa tentação. Mas tenho procurado guardar no coração, como uma companhia graciosa, a figura de Rute, a moça estrangeira que abraçou com humildade e solidariedade o empobrecimento, e que olhou, com súplica confiante, para o seu resgatador.

Como diz um antigo hino que vivo cantarolando, “Volte os seus olhos para Jesus / Olhe bem para a sua maravilhosa face / E as coisas terrenas⁷ estranhamente se tornarão ofuscadas / À luz da sua glória e graça”.⁸

2. Pr 30.8-9.

3. Mt 5.29-30.

4. Fl 4.11-13.

5. 1 Tm 6.17.

6. Rt 1.20-21.

7. Entendidas, aqui, como as situações desta vida que cansam e atribulam a alma, e não como a boa criação terrena.

8. “Turn your eyes upon Jesus”, de Alan Jackson (tradução livre).

Que Deus nos conceda a graça de repetidamente vivenciarmos não apenas a poesia, mas também, pessoal e intimamente, a realidade a que se referem esses versos. É a minha oração, por mim e por você que também tem sido desafiado a se contentar com menos.

Jonathan Simões Freitas, 33 anos, é casado com Thalita e pai de Manuela. É professor na UFMG e atua na Igreja Esperança, na ABC², na Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET) e no L'Abri. Escreve no medium.com/@jonathansf.bra. Artigo publicado originalmente na Revista Ultimato, edição 375, jan./fev. 2019.

A pressão no exercício do ministério

Pr. Edmilson Mendes

Pressão é uma palavra que significa uma “força que é exercida sobre alguma coisa”. Alguns exemplos: “Ele só experimentou a droga por pressão dos colegas.” “O time A não suportou a pressão do ataque do time B e acabou sofrendo o gol no final do segundo tempo”. “A pressão dos pais foi muito grande, assim eles não suportaram e terminaram o namoro”.

Estes exemplos bastam para determinar o foco deste texto. Vamos analisar as pressões sociais e psicológicas que dia a dia todos nós enfrentamos. Em certa medida, pressões nos acompanham desde muito cedo, na escola, no primeiro emprego, no namoro, na igreja, na família.

Até determinado ponto, a pressão tem um papel bom, ela mantém ativa a nossa responsabilidade junto aos compromissos que abraçamos nos processos do ministério. Pois uma vez que sabemos das cobranças que virão, procuramos cumprir nossos acordos e fazer nosso melhor.

O tema fica complicado quando sai do nosso controle. Quando as cobranças ultrapassam o normal e passam a fazer uma pressão insuportável. Para você ter uma ideia, já vi amigos meus chorando porque, ao atrasarem a entrega de um serviço, pelo motivo da morte de um dos pais, ouviu a seca resposta de seu cliente: “Eu não tenho nada a ver com isso, preciso do serviço hoje; se não for possível entregar, peça para outra empresa.” Isso é pressão injusta, desequilibrada, doentia e, todos nós, em certa medida, já a enfrentamos, estamos enfrentando ou vamos enfrentar.

E justamente porque é um tipo de pressão doentia, adoece os que estão em seu caminho. Não queremos sofrer pressões abusivas. Além de não querer, não suportamos. Portanto, antes de continuar, vale observar que se não queremos, não devemos pressionar os outros além do que seja razoável. E como saber o limite do que é razoável? Simples: empatia. Coloque-se no lugar de quem você está pressionando e responda: No lugar desta pessoa, eu suportaria? Eu acharia justa toda essa cobrança e pressão? Responda sinceramente para você mesmo e lembre-se: o mundo dá voltas, hoje eu pressiono, amanhã sou pressionado.

Voltando para o nosso foco, as pressões que enfrentamos no exercício do ministério. Como citamos, até certo ponto, elas são saudáveis. Também podemos ter convicção de que as pressões fazem parte da vida, inclusive as injustas e, mesmo assim, precisamos aprender como suportar, aprender e caminhar dignamente no ministério, apesar delas.

Não é confortável ter telhado de vidro

Vivemos em um tempo de muito descaso, desrespeito, chacota e ridicularização denominacional. O fenômeno começou com instituições que sempre foram respeitadas, porém na inversão de valores e fragilização da pregação cristã, o impensável de outrora passou a ser aceitável. Dentre estas instituições que sempre foram notadamente respeitadas, vale citar a família, a polícia, a escola, o governo e seus protagonistas. Dificilmente a igreja ficaria de fora e o menosprezo também a alcançou.

Não sejamos ingênuos. Em boa parte, o desrespeito sofrido pelas várias instituições são, em parte, culpa delas mesmas. Pois a falta de ética, disciplina, fidelidade, os repetitivos escândalos de corrupção, os abusos de poder, enfim, uma sucessão de erros, pecados, desonestidades e infidelidades acabam por gerar desprezo e insignificância, uma vez que quem não se dá ao respeito não merece respeito, seja em qual instituição for.

Até aqui, no entanto, muitos crentes ainda não se abalam, uma vez que julgam nada terem a ver com os acontecimentos. É inacreditável, mas é assim que muitos se comportam. As frases são tranquilamente pronunciadas nas rodinhas das igrejas, nos almoços das casas dos irmãos, nos eventos, nos átrios, nos templos: “Você viu o que os caras aprovaram?! Essa igreja tá indo de mal a pior...”, “Cara, você viu aquele novo grupo de louvor, só tem estrelinha...”, “Tô nem aí para o que esses pastores falam, sou crente do meu jeito, não dependo de igreja, afff...”

Propositalmente, caricaturei as frases do parágrafo anterior. Porém frases semelhantes e outras tantas são cada vez mais frequentes, geralmente acompanhadas de gargalhadas deploráveis, e não de choro. Existe algo profundamente grave com tal comportamento. Este grupo de crentes cresce assustadoramente, falando e agindo como se não fosse igreja, mas são. São crentes que podem estar insensíveis, indiferentes, frios, acomodados, mancos, cegos, mas são igreja, fazem parte do corpo de Cristo, exatamente por isso torna-se tão grave o desprezo que demonstram pela igreja.

Por conta dos desmandos, prostituições, anarquias, falsos profetismos, o telhado de vidro da igreja é apedrejado. Ou seja, ainda que as informações sejam incompletas, com ruídos, o povo recebe essas informações e detona a igreja, da qual ele mesmo faz parte. Decepção e frustração explicam, mas não justificam. Não quero expor minha família, este é um comportamento natural, por que então vou ficar “brincando” de expor minha família da fé? A igreja que sou eu? Por quê? Para mim, a melhor resposta é esta: tais pessoas estão na igreja, desfrutam da igreja, mas, inacreditavelmente, não se entendem como igreja, por isso fazem coro entre os zombadores e indiferentes.

É difícil ter telhado de vidro. Porém, toda instituição que se preze tem. E igrejas sérias se prezam, logo, seus telhados precisam ser de vidro. Vidro simboliza transparência. Deus não ocultou os erros, desmandos e pecados de nenhum de seus escolhidos, portanto, de sua igreja. Por que nós o faríamos? Não seria inteligente e nem honesto. Sendo assim precisamos suportar a pressão das pedradas e, mais que suportar, precisamos aprender e crescer em meio às pressões.

A primeira carta aos Coríntios expõe exatamente isso – o telhado de vidro daquela comunidade. As questões doutrinárias que Paulo tratou expuseram aquela igreja. À medida que o apóstolo respondia e ensinava sobre cada ponto, os defeitos, as falhas e pressões se evidenciavam. Então, veio a segunda carta aos Coríntios. Nela, o telhado de vidro fica personificado no próprio apóstolo. Logo no primeiro capítulo, Paulo declara as pressões que suportava no exercício do seu ministério.

É exatamente esta transição que o apóstolo faz da primeira para a segunda carta que também precisamos fazer. Sim, a igreja tem telhado de vidro, mas nós também, como igreja que somos, temos nossos telhados de vidro. Neste cenário é que enfrentamos nossas pressões pessoais, expondo nossas dores e emoções enquanto, ao mesmo tempo, suportamos críticas e ataques ferozes, aos quais chamamos de pressão.

Paulo, direto e reto

Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos. Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos.” (II Co 1.8-9).

Nestes dois versículos vamos ver como Paulo suportou suas pressões pessoais. A experiência vivida pelo apóstolo pode ser motivadora e, ao mesmo tempo, didática para o ministério que abraçamos.

Transparência

Gostamos de pessoas autênticas, aquelas que são a mesma pessoa em qualquer lugar. Admiramos aqueles que fazem o que falam, que praticam o que ensinam. Respeitamos pessoas verdadeiras, que pensam pra falar, que falam o que pensam, que não ficam usando vários tipos de discursos para agradar vários tipos de audiência. Pessoas assim chamamos de transparentes, pois elas se deixam ver, nada escondem e enfrentam as consequências de serem como são. Paulo era assim, absolutamente autêntico, verdadeiro, transparente. E transparência é o que as boas ovelhas esperam de seus pastores. Mesmo que a informação a ser passada ou os sentimentos a serem expressos não sejam os melhores, a transparência que permite comunicar a verdade sempre será melhor que qualquer mentira adocicada. Esta é a forma de Paulo enfrentar pressões, compartilhando com toda transparência a realidade de seu ministério. Exatamente assim ele inicia o versículo 8: *“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia...”*

A expressão “não queremos” indica intencionalidade. Paulo deixa claro seu objetivo, quer que a igreja de Corinto saiba dos complicados e duros bastidores do seu ministério, suas lutas, perseguições, debates, ameaças, perigos. Não existe nenhum traço de vitimização, existe aqui apenas informação de qualidade verdadeira.

Neste ponto, vamos nos ater à leitura das palavras do apóstolo antes do versículo 8 e refletir um pouco sobre elas. Começando pelo 3: *“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e de toda consolação”*. A ênfase de Paulo, de que o Deus que cremos é um Pai, torna-se importante para sua narrativa, pois somente um Deus Pai é capaz de agir com misericórdia, direcionando aos seus filhos toda consolação.

“Que nos consola em toda nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus.” Aqui, no versículo 4, Paulo deixa claro que nenhum evento na vida do cristão é sem propósito, se não é bênção, é lição. Na visão de Paulo, tribulações são pedagógicas, somos consolados para também saber consolar a outros. Neste ponto, precisamos admitir a total influência do divino, pois somos consolados diretamente pelo Espírito. E o próprio Espírito nos capacita a consolar os outros.

“Porque, como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também a nossa consolação sobeja por meio de Cristo.” Este versículo 5 ensina o que jamais aprenderemos nos seminários. Apenas na escola da vida ministerial conheceremos a profundidade da “abundância das aflições de Cristo em nós.” E a lógica deste trecho é, em certo sentido, assustadora – quanto mais aflição eu sofrer, melhor consolador serei. Este é o bom combate que o apóstolo combateu, suportando as mais inimagináveis pressões. Queremos alcançar a excelência em nossos ministérios? Queremos ter unção do alto em nosso pastorado? Queremos ter maturidade e capacidade para consolar os outros? Se queremos, temos de enfrentar com submissão as aflições que Cristo enfrentou até a cruz, as pressões das calúnias, mentiras, acusações, traições, negações, injustiças, bofetadas, cusparadas, solidões, abandonos, pois é somente assim que sobeja consolação em nós por meio de Cristo.

“Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação é, a qual se opera, suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos.” Neste versículo 6, a maturidade de Paulo fica tão evidente que ele já não vê nada como sendo pessoal. De novo, nada de vitimismo! Tudo que ele sofria e enfrentava valia a pena porque ele sofria e enfrentava para benefício dos demais. Por amor ao rebanho, Paulo suportava as mais injustas pressões. Somos pastores, portanto, cuidadores e defensores das mais variadas ovelhas, fortes, fracas, doentes, tristes. Se temos coração de pastor, sentiremos as dores que elas sentem. Isso é pressão acima do que seres humanos normais suportariam, porém fomos chamados pelo Espírito que nos dá forças para suportar o insuportável.

“E a nossa esperança acerca de vós é firme, sabendo que, como sois participantes das aflições, assim o sereis também da consolação.” Desculpe pela redundância, mas o versículo 7 é consolador. Observe o poder contido na frase: “aflições” está no plural, são muitas, são incontáveis, impossível nos prepararmos para as péssimas surpresas que elas causam. Já “consolação” está no singular, é uma só, e basta, pois é uma consolação poderosa vinda do Espírito.

Conseguiu captar a transparência marcante nas palavras de Paulo? Em nenhum momento entre os versículos 3 a 7 ele alivia e tenta passar um evangelho fácil. Pelo contrário, em cada frase ele manda a real, enfatizando tribulações como situações frequentes, violentas, doídas e inevitáveis, ao mesmo tempo em que aponta a consolação do céu como único remédio para suportar tais pressões.

Pronto. O apóstolo preparou o terreno para passar as informações dos versículos 8 e 9. Tudo o que ele fez questão de falar nos versículos 3 a 7 foi “*porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia.*” Isso é transparência. E é assim que enfrentamos pressões. Ou seja, vitórias e grandes feitos edificam, mas também precisamos compartilhar com as ovelhas as nossas dores, os nossos medos, as nossas fraquezas. Afinal, ainda que consolados pelo próprio Espírito, continuamos pequenos e frágeis pecadores. Não somos super-homens e muito menos superpastores, somos apenas pastores, humildes e limitados pastores.

Pressão extrema

Lendo as cartas de Paulo, rapidamente notamos muitas dificuldades e perigos enfrentados. No versículo 8 de sua segunda carta aos Coríntios, no entanto, ele fala de uma pressão muito acima da média das dificuldades comumente enfrentadas. Observe a força de cada palavra para descrever a tribulação sofrida na Ásia: “... *Pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar.*”

Agora vai ficando mais claro porque Paulo falou tanto em “consolação, consolarmos e sermos consolados” nos versículos de 3 a 7, porque é, pelo menos para mim, confortador ler estas palavras do grande apóstolo. Afinal, se ele viveu pressões que julgou insuportáveis, por que seríamos poupados? Se ele admitiu que conviveu com pressões insuportáveis e não abandonou o exercício do ministério, por que abandonaríamos?

Nesta mesma carta, 2 Cor 11.23-27, uma lista das muitas pressões suportadas por Paulo é informada: açoites, prisões, riscos de morte, apedrejamento, naufrágios, excessos de fome, sede e frio. Tudo isso sendo suportado na perspectiva de que é bênção sofrer as “mesmas aflições” que Cristo sofreu. Pressão extrema, constante, sem trégua.

Mas quando Paulo fala sobre a tribulação insuportável na Ásia, o mais provável é que seja de Éfeso que ele esteja falando, pois o teste pelo qual passou naquela localidade foi enormemente severo. O versículo 32, do capítulo 15 de sua primeira carta aos Coríntios, expõe a dramaticidade da pressão enfrentada: “*Se, como homem, combati em Éfeso contra as bestas, que me aproveita isso...*”

Existia no mundo antigo a tradição de colocar os presos de grande periculosidade em lutas nas arenas com animais ferozes. Porém não existem registros históricos que isso tenha acontecido com o apóstolo. E Paulo, como cidadão romano, não poderia ser penalizado a morrer nas garras de leões e tigres. Paulo, portanto, falava em linguagem figurada, a fim de deixar claro a ferocidade e brutalidade dos seus opositores, adversários sem qualquer ética ou racionalidade.

Muitas vezes, as pressões esmagam nosso ministério exatamente assim, como bestas, como feras irracionais. São cobranças implacáveis, que desconsideram a falta de recursos, de gente, de talento, de saúde, e simplesmente cobram. São cobranças que vêm de diversas pessoas e situações: das ovelhas, da família, das metas, da economia, das novidades, dos colegas e, assustadoramente, até de nós mesmos. Cobranças muitas vezes ferozes, brutas e irracionais, tudo apenas com vistas a ser o melhor nos relatórios, enquanto na prática a igreja, muitas vezes, não se parece nem um pouco com o resultado apresentado na frieza dos números.

Vamos dedicar um pouco mais de atenção às cobranças que nós mesmos fazemos. Uma delas mal percebemos: assume o automático da nossa vida e passa a comandar nossas escolhas e decisões, e nem nos damos conta. Estou me referindo a essa maluca necessidade que temos de estar atualizados. É importante sabermos o que está acontecendo na atualidade? Sem dúvida é. Porém, nossa cultura gerou pessoas obcecadas por atualização. O contexto social impõe que temos que saber e entender tudo. Mas não temos. Ninguém tem. Até porque é impossível conseguirmos tal proeza. Precisamos, sim, fazer diariamente a leitura do nosso tempo, porém o texto que precisamos saber manusear com conhecimento e intimidade é a Palavra.

Muita cultura e pouco evangelho nunca funcionou e assim continuará, não vai funcionar. Há pressão para nos rendermos às forças da pós-modernidade, às doutrinas preferidas, sejam elas do capitalismo ou do socialismo, ao individualismo que só pensa no sucesso de um reino pessoal e cede a todas as tendências da moda, sempre com a explicação que é para segurar os jovens ou outras desculpas rasas. Sempre que tudo isso insiste como estratégia, a “barragem” da nossa identidade enquanto igreja já está com a pressão acima dos níveis suportáveis. Mais dia, menos dia, ela se rompe, espalhando lama sobre tudo e todos que estiverem no caminho.

Volte a observar como Paulo descreve a pressão de Éfeso: “... *mais do que podíamos suportar*”. As palavras do apóstolo transbordam tensão, dor, adrenalina, medo. Pressões assim têm grande potencial de transformar preocupações em doenças, tanto físicas quanto emocionais. Não perca de vista o caminho escolhido para tentar suportar o insuportável: transparência. Note que somente depois de expor o que aprendeu sobre o poder da consolação e ser absolutamente claro a respeito da tribulação na Ásia foi que o apóstolo confessou o limite das forças pessoais para encarar pressões insuportáveis.

Desespero

Paulo segue compartilhando, sem qualquer disfarce, sua humanidade, tal qual, e totalmente igual, a nossa: “... *de modo tal que até da vida desesperamos*.” Se existia ainda alguma dúvida sobre a gravidade da pressão enfrentada, as palavras que fecham o versículo 8 tratam de deixar tudo muito claro. Eugene Peterson traduz com as seguintes palavras este trecho: “... Foi tão difícil que chegamos a pensar que era o fim. Sentíamos como se tivessem nos mandado para o corredor da morte, que para nós tudo estava acabado.”

Se tudo acabou, se a morte é real, se nenhuma saída existe, resta apenas desesperança. Neste ponto, a humanidade do apóstolo aflora, sua opção de relacionamento é inegociável: transparência. Mesmo que alguns reprovem e outros não entendam, a opção de Paulo é ser verdadeiro. Que bom! Diria mais, que bom Paulo ter registrado seus sentimentos mais vulneráveis, pois a grande maioria de nós já chegou em pontos iguais ao dele, o ponto de concluir que o fim chegou, não restando mais nada a fazer. Se uma forte pressão fez isso no exercício do ministério de Paulo, esteja certo que poderá de igual forma desesperar os nossos ministérios.

Esta expressão “*até da vida desesperamos*”, no grego lemos “*eksaporeo*” que tem o significado de “grande dificuldade”, “grande dúvida”, “grande perplexidade”. Em outras palavras, a mistura de todos estes significados numa só expressão deixava Paulo sem saber qual a sua real possibilidade de sobreviver fisicamente àquela pressão.

Talvez neste ponto, já consigamos entender porque muitas vezes, nas noites de muitos de nós, fuge o sono, a calma, a lucidez. Pressão é o nome. No exercício do ministério constantemente somos confrontados com processos de esmagamento psicológico, emocional e espiritual. Apavoreamo-nos, desanimamo-nos, cansamo-nos e vemos fugir de nós a esperança que tanto pregamos aos outros. Isso tudo é pressão. E como conseguir praticar de forma sã o exercício do ministério diante de tanta pressão?

Ajustando o foco

A resposta oferecida por Paulo à pergunta do parágrafo anterior passa pelo ajuste de foco daquilo que vemos no turbilhão de pressão. Em um primeiro momento, vemos apenas a tragédia, a derrota, a humilhação, a injustiça. Mas se ajustarmos o foco da visão espiritual, se exercitarmos a fé que um dia foi confiada a nós, o próprio Espírito começará a ajustar o foco e ampliará nossa visão e compreensão sobre as pressões que nos assustam.

Não somos nada

O apóstolo deixa claro o ajuste de foco da sua visão logo no início do versículo 9: “*Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós...*” A palavra grega que foi traduzida como “sentença” é usada exclusivamente aqui em todo Novo Testamento, ela fala sobre uma “resposta, decisão, um relatório oficial”. Ou seja, a ênfase que Paulo imprimiu foi na direção de uma única opção de interpretação, que era a morte.

Não se esqueça: Paulo escreve em perspectiva, ele está falando de pressões às quais tinha certeza que não venceria, mas então venceu. Olhando para trás, ele consegue extrair a lição preciosa, o foco da sua visão é ajustado e sua capacidade de ver e entender é ampliada. E a lição é simples, profunda, fundamental e decisiva para o exercício de todo pastor que aspire um ministério com unção do alto: “*... Para que não confiássemos em nós*”.

O plano infalível para cairmos é começar a confiar em nossas habilidades, recursos, aparências, influências. De teólogos recém-formados a jubilados, vemos homens confiando em si mesmos. Muitos talvez estejam precisando sentir o bafo da morte bem de perto, como sentiu Paulo, para aprender que não somos nada.

O apóstolo sentiu-se sentenciado. Nossas sentenças de morte ministerial nos pressionam de variadas maneiras. Às vezes, é o chamado *fogo amigo*: quando consagrados resolvem destruir seu pastor. Por vezes, um jovem que sabidamente leva uma vida dupla, mas quer saciar sua vaidade de visibilidade nos púlpitos e, para piorar, pertence a uma família enorme e formadora de opinião na igreja; se mexer com ele, a revolução está estabelecida. Em outras situações, por causa da forma tão excelente que a função pastoral é desempenhada, instala-se a inveja e o ciúme eclesiástico, oficializando disputas, debates, ofensas e armadilhas notadamente carnais. Enfim, as pressões são muitas e, se não forem cessadas, têm o potencial de assassinar ministérios em pleno exercício.

É educadora a construção gramatical do texto: como a sentença de morte era certa, inútil seria confiar em si mesmo. Já falamos e já ouvimos: nesta vida só não há jeito para a morte. Se a morte chega, nada mais podemos fazer, não existem soluções. É o fim da linha. Admitir toda nossa impotência, ainda que seja humilhante perante o público que nos acompanha, é libertador. Na parceria com Deus é sempre assim – o reino, o poder e a glória são exclusivamente dele. É assim que encontramos nas páginas sagradas todos os seus heróis. Depois de cada pressão suportada no exercício do ministério, de forma uníssona, todos glorificaram a Deus e suas obras, afinal, todos entenderam que Ele sempre cresce e os seus diminuem, pois no sentido da luta, das pressões, das batalhas impossíveis, este deve ser o foco: ele é poderoso e invencível, enquanto eu, sozinho, sou nada e pecador.

Deus é tudo

A declaração de Paulo deve também ser a nossa: “*... para que não confiássemos em nós mesmos*” e, também como o apóstolo, devemos continuar o ajuste da visão em meio a tudo que nos pressiona, já que não devo confiar em mim, “*mas em Deus, que ressuscita dos mortos.*”

Todos nós temos alguns temas e matérias da nossa preferência, por isso estudamos, pesquisamos, lemos, nos aprofundamos com prazer. Ficamos tão bons nesses temas e matérias que passamos a ensinar com desenvoltura e segurança, comunicando conteúdos edificantes e transformadores para outros. Um dia, contudo, a paisagem calma acaba, a música suave termina, a festa chega ao fim. É aquele dia no qual a bela teoria que aprendemos e tão bem ensinamos bate à nossa porta exigindo ser testada na prática.

Pregávamos para os outros sobre ter fé e crer em Deus quando tudo estava com o carimbo de “impossível”. Sobre perdoar ladrões e assassinos. Sobre amar a adúltera e o adúltero. Sobre suportar ofensas, calúnias e cruz resignadamente. Então, de repente, chega o diagnóstico da doença incurável a fim de que você tenha fé no impossível. De repente, assassinam um dos seus e você vai se revirar na terra do perdoar ou não. Então o adultério acontece entre os seus – ou mesmo com você – e um buraco inexplicável arromba o seu coração. E, para fechar, você se encontra sendo triturado por aqueles que pensava serem seus amigos.

Neste ponto do ministério, e acredite, este ponto chega para todos, somos forçados pelo Espírito a sentir o que sente cada ovelha e, como cada uma das ovelhas, somos testados no fogo, na tempestade, na tormenta, ou seja, desta vez... na prática. Os que vencem e superam tais pressões passam a pregar sobre os impossíveis, os cuidados e os milagres de Deus com a legitimidade e autoridade de quem suportou na própria pele, alma e coração a fornalha da provação. Sempre foi assim, desde a libertação do Egito: *“E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te tentar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos ou não”* (Dt 8.2).

Quando nada temos para dividir nossa atenção, para nos seduzir, enganar... Quando nada mais se atreve a competir com a fé que é devida somente a ele, finalmente aprendemos que Deus é tudo. Ele é suficiente, Ele é mais, Ele é. É o Deus que até os mortos ressuscita. Perceba a importância desta declaração de Paulo. Ela não fecha o versículo 9 apenas para ser uma frase de efeito, emotiva ou apelativa. Lembre-se, a visão espiritual de Paulo ampliava-se a cada pressão. O homem que trazia no corpo as marcas do evangelho de Cristo também trazia as marcas de um relacionamento transparente, submisso, obediente e absolutamente convicto de sua fé: *“...porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia”* (2 Tm 1.12).

Portanto, quando Paulo diz que confia no único Deus que ressuscita os mortos, está declarando que, para além de teorias e teologias, ele crê de forma prática no impossível. Ele sabe que este Deus é o único que pode fazê-lo suportar e sobreviver às pressões no exercício do seu ministério, uma vez que é Deus de perto e não de longe, certeza que ele expressa no versículo 10: *“O qual nos livrou de tão grande morte e livrará; em quem esperamos que também nos livrará ainda.”* Entendeu o “ainda”? É consolação e livramento no exercício do seu ministério para hoje, amanhã e sempre.

Pr. Edmilson Mendes congrega na IAP em Pq. Itália (Campinas, SP) e integra a equipe do Ministério de Vida Pastoral.



Pressão sobre o coração

A síndrome de Aitofel

Pr. Arimateia Oliveira Costa

Síndrome, palavra do grego “*syndromé*”, cujo significado é “reunião”, é um termo bastante utilizado em Medicina e Psicologia para caracterizar o conjunto de sinais e sintomas que definem uma determinada patologia ou condição.

No sentido figurado, o termo designa um conjunto de características que, quando associadas a situações críticas, podem gerar insegurança ou medo.

E quem foi Aitofel?

Não é difícil identificar quem foi Aitofel. Sua história se mistura a de um personagem bem conhecido na Bíblia, o rei Davi. Após assumir de fato o reino de Israel, Davi começou a estabelecer sua forma de administrar, começando pela organização das tropas e nomeando seu sobrinho Joabe, filho de Zeruaia (irmã de Davi), como general.

Ele viu também a necessidade de ter pessoas ao seu lado em que pudesse confiar, dando-lhes autoridade para administrar o palácio, bem como auxiliá-lo na educação e na conduta de seus filhos (1 Cr 27.32).

Escolheu homens de confiança e sabedoria que pudessem ser como conselheiros na tomada de decisões importantes para o reino de Israel, nomeando assim Jônatas, seu tio, que também era escriba; Husai, o arquita; Aitofel, o gilônita; depois Joaida, filho de Benaia e, por último, Abiatar, o sacerdote (1 Cr 27.32-34).

Por décadas, esses homens estiveram ao lado de Davi e puderam acompanhá-lo nas decisões mais importantes do reino de Israel. Tornaram-se não apenas conselheiros do rei, mas bons amigos.

Cada conselheiro atuava especificamente em uma área; Aitofel era o conselheiro de guerra. Nas inúmeras vitórias conquistadas por Davi provavelmente havia a participação de Aitofel e seus conselhos estratégicos. Não é difícil supor que Aitofel fosse o mais importante dos conselheiros de Davi.

A importância de Aitofel para o rei e para Israel era tanta que houve uma época em que a palavra de dele era respeitada como se ele fosse oráculo de Deus. Certamente, as orientações e estratégias de guerra elaboradas por Aitofel eram sempre bem aceitas, tanto por Davi como por Absalão (2 Sm 16.23). Ele era um conselheiro muito importante perante a nação de Israel.

Esse era Aitofel. Homem de Deus, conselheiro do rei mas, de uma hora para outra, se une a Absalão em um plano de golpe de estado contra Davi, seu rei e amigo.

Conhecendo a importância de Aitofel e de seus conselhos certos, Davi, ao saber que ele havia se unido a Absalão, faz uma oração pedindo a Deus que transtornasse seus conselhos (2 Sm 15.31). Davi sabia que, se Absalão seguisse os conselhos de Aitofel, poderia não só estabelecer seu reinado, mas, vencê-lo facilmente em batalha.

Mas é nesse ponto da história que surgem as perguntas que nos afligem: O que levou Aitofel a tomar a decisão de trair Davi, que confiava tanto nele e que o considerava um amigo? Por que Aitofel une-se a Absalão em um golpe de estado contra Davi?

Vingança pela neta

Mágoa. É isso mesmo. Segundo o Rev. Hernandes Dias Lopes, a mágoa é uma prisão, ela é o cárcere da alma, o calabouço das emoções, a masmorra escura onde seus prisioneiros são atormentados pelos verdugos da consciência.

Mas de onde vem tanta mágoa assim? Eu te respondo: do fatídico fato do adultério de Davi com Bate-Seba e a morte de Urias!

Bate-Seba, a mulher de Urias, que Davi possuiu pecaminosamente, era filha de Eliã (2 Sm 11.3). Por sua vez, Eliã, era filho de Aitofel (2 Sm 23.34). Na lista dos 37 valentes de Davi, aparece Eliã, filho de Aitofel (2 Sm 23.34) e Urias (2 Sm 23.39). Ou seja, Urias, além de genro de Eliã, era seu companheiro de guerra. Todos eles, por parentesco direto ou por afinidade, estavam ligados a Aitofel.

Como conselheiro do rei, Aitofel tinha o conhecimento das atitudes de Davi e não lhe passou despercebido o que Davi fizera à sua neta, Bate-Seba e a seu esposo, Urias. Provavelmente, ele esperava que, em algum momento, Davi pagasse pelo seu pecado que culminou na morte de Urias.

O psicólogo Paulo Cesar Ribeiro afirma o seguinte sobre a mágoa: “De maneira, muitas vezes, imperceptível, a mágoa guardada vai se manifestando em uma “vingançazinha” aqui, em uma “traiçãozinha” ali, em uma crueldade acolá. E de queda em queda, a pessoa magoada vai descendo até o fundo do poço, sem medir as consequências de seus atos”.¹ Foi provavelmente por causa deste sentimento de mágoa ao qual Aitofel estava preso que ele se aproveitou da oportunidade que teve de se unir a Absalão para se vingar de Davi. Seu coração devia estar encarcerado pela dor da mágoa, seus sentimentos de vingança devem ter falado mais alto em seu coração.

Isso pode ser evidenciado também quando ele propõe que Absalão abuse das mulheres de seu pai, que haviam ficado para cuidar do palácio e das mobílias (2 Sm 15.16). Ele pretendia, com isso, dar o troco ao que Davi fizera à sua neta. Aitofel sofria pelo descrédito de sua neta e então esperava que Davi sofresse ao encontrar o seu leito maculado, como foi o de Urias.

Fica um alerta para nós: se, em algum momento de nossas vidas, nos sentirmos prejudicados, feridos e ofendidos, como Aitofel, podemos ser atormentados pela sombra dessa figura amarga e cinzenta, mas quase sempre tentadora, que é a vingança. Ela nos faz perder a razão e o sentido das coisas, tornando-nos amargos e insensíveis ao sofrimento alheio. A nossa bússola moral se desvia alguns graus do seu norte e imaginamos forma, caminhos e situações para devolvermos a dor que nos machuca à pessoa que nos ofendeu. Confúcio dizia: “Antes de começarmos a jornada da vingança, devemos cavar duas sepulturas: a nossa e a do nosso adversário”.

Ao propor que Absalão lhe desse permissão para ir ao encontro da tropa de Davi, mas que somente Davi deveria ser morto (2 Sm 17.1-2), é possível que Aitofel estivesse mostrando o quanto desejava que Urias fosse vingado. Aitofel não aceitava que Davi era merecedor do perdão de Deus e que o próprio Deus o havia perdoado. Por isso, ele apresenta um plano infalível para matar Davi, imaginando que ele deveria pagar com a própria vida pelo que fizera à sua família. Por nunca ter se conformado com o perdão que o Senhor havia concedido ao rei Davi, Aitofel provavelmente nunca o perdoou e não admitia a maravilhosa graça de Deus para com Davi.

Bebendo veneno

A mágoa é autodestrutiva. Ferimo-nos a nós mesmos quando nutrimos mágoa por alguém. O Rev. Hernandes Dias Lopes afirma que “guardar mágoa no coração é como beber veneno pensando que o outro é quem vai morrer”. Quem guarda mágoa no coração vive amarrado pelas grossas correntes

1. Disponível em: <<http://www.blogdopsicologo.com.br/2012/05/sobre-magoa.html>>. Acesso em: jan. 2019.

da culpa. Quem vive nessa masmorra adocece emocional, física e espiritualmente. Há muitas pessoas doentes porque se recusam a perdoar. Na igreja de Corinto havia pessoas fracas, outras doentes e algumas que já estavam mortas em virtude de relacionamentos adoecidos (1 Co 11.3). A orientação de Tiago é que os crentes confessem seus pecados uns aos outros para serem curados (Tg 5.16).

Por essas e outras razões, vale a pena refletir sobre esse mal que tem feito muitas vítimas. Semelhante a um corrosivo, a mágoa vai minando a alegria, o entusiasmo, a esperança e a amargura se instala. Silenciosa, ela compromete a saúde de quem a mantém e fomenta ódio, rancor, inimizade, antipatias. O psiquiatra americano Fred Luskin, em seu livro *O poder do perdão*,² nos traz a seguinte informação: “Quando guardamos mágoas, o nosso cérebro produz substâncias químicas e hormônios ligados ao estresse, que limitam as nossas ações e prejudicam nosso bem-estar”.

Por não ter se livrado da mágoa, Aitofel resolve tirar a sua própria vida quando vê os seus planos de se vingar do rei Davi irem por água abaixo (2 Sm 17.23). Em algum momento de sua vida Aitofel se perdeu. Aquele conselheiro leal ao seu rei não tinha mais alegria e passou a viver uma vida amarga que lhe levaria a um trágico fim, isso tudo por que não conseguiu se desvencilhar do ressentimento. O patriarca Jó faz a seguinte declaração sobre o ressentimento gerado pela mágoa: “O ressentimento torna a vida amarga e tira a alegria” (Jó 5.2).

Cada um de nós deve tomar a decisão de abandonar a mágoa. A história a seguir, de autor desconhecido, ilustra este pensamento:³

Havia em uma cidade um sábio que respondia a todas as perguntas que lhe eram feitas. Certo dia, um jovem resolveu enganar o sábio com uma pergunta e disse:

– Eu vou pegar um passarinho e vou colocá-lo em minhas mãos e perguntar ao sábio se o passarinho está vivo ou morto. Se ele responder que está vivo, eu aperto a mão e mato-o, aí ele erra. Se ele responder que o passarinho está morto, então eu abro as mãos e solto o passarinho, e assim de qualquer maneira ele erra.

E assim fez o jovem, chegou ao sábio e perguntou:

– Sábio, eu trago em minhas mãos um passarinho e eu gostaria que o senhor me respondesse se este pássaro está vivo ou morto.

Naquele momento, o sábio fitou os olhos naquele jovem e respondeu:

– Depende do que você vai fazer com ele, a resposta certa está em suas mãos.

Muitas vezes, temos em nossas mãos a chance de fazer escolhas. Não desperdice a chance de fazer escolhas de vida e não de morte.

Aitofel teve em suas mãos a chance de reconhecer o perdão dispensado por Deus a Davi e crescer através disso, perdando também seu rei e amigo. No entanto, ele escolheu alimentar a mágoa em seu coração e assim teve sua alegria, seu entusiasmo, sua esperança minada por esse sentimento que o levou a tirar a sua própria vida.

O perdão é o caminho para libertação da mágoa e para uma vida que imita a atitude de Cristo.

Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito. Que a paz de Cristo seja o juiz em seus corações, visto que vocês foram chamados a viver em paz, como membros de um só corpo. E sejam agradecido (Cl 3.12-15).

Pr. Arimateia Oliveira Costa é superintendente da Convenção Goiás e integrante da equipe do Ministério de Vida Pastoral.

2. LUSKIN, F. *O poder do perdão*. Brasília: Editora Francis, 2007.

3. Disponível em: <<https://www.refletirpararefletir.com.br/textos/o-sabio-e-o-passarinho>>. Acesso em: jan. 2019.

Pequenos Grupos de Pastoreio de Pastores



Um bem necessário

Há alguns anos, buscando cuidar daqueles que cuidam, o Ministério de Vida Pastoral da IAP vem se deparando com o dilema: como acompanhar de perto os pastores, missionários e obreiros, e suas famílias, espalhados por todo o imenso Brasil? Mesmo com a preciosa ajuda dos Casais Ministeriais Regionais, a demanda continua sendo imensa.

O desafio persistia diante de nós, inclusive no lema abraçado para este quadriênio: *Apascentando Famílias Pastorais*. O cuidado efetivo sempre nos pareceu uma tarefa que necessitava de maior eficácia, então, priorizamos os atendimentos urgentes, mas, nunca perdemos de vista que o trabalho de “prevenção de problemas” precisa ser estabelecido, para que, de fato, os pastores e suas famílias se sintam acolhidos. Sempre buscando em Deus a resposta para esta missão, deparamo-nos com o modelo sugerido pela Sepal (Servindo aos Pastores e Líderes), uma missão internacional, estabelecida no Brasil em 1963, formada por líderes sérios e comprometidos com a igreja de Cristo. O modelo proposto é o Pastoreio de Pastores através de Pequenos Grupos, que se encontram periodicamente para comunhão, apoio mútuo, encorajamento e prestação de contas.

Hoje, a equipe do MVP entende que temos o momento propício para lançamento do **Projeto Pequenos Grupos de Pastoreio de Pastores**.

Um dos aspectos mais favoráveis é que a própria Diretoria Geral da IAP está empenhada na implantação dos Pequenos Grupos, por entender que o modelo é propício à comunhão, ao discipulado e ao evangelismo.

Assim, confiados na graça de Cristo e conscientes dos desafios que ainda estão à frente, lançamos o Projeto de Pastoreio de Pastores através dos Pequenos Grupos, sabendo que as necessidades são imensas e crendo que Deus deseja fortalecer esses vínculos, para que as famílias pastorais sejam realmente saudáveis.

Implantação

“No Pequeno Grupo, relacionamento é a palavra-chave, ao contrário de um Grupo de Estudo Bíblico, cujo foco principal é o aprendizado bíblico e sistemático”, registra o livro do DEC sobre a implantação dos Pequenos Grupos. A mesma publicação cita Carlito Paes, que define que Pequenos Grupos “são a ação estratégica que Deus planejou para que a eficiência no cuidado mútuo, na integração e na comunhão fosse algo real para cada membro”. Relacionamentos comprometidos e saudáveis são justamente nossa expectativa – e, acreditamos, a vontade de Deus – a partir dos encontros dos pastores e esposas.

Entendemos que a Diretoria da Convenção Regional e os Casais Ministeriais Regionais têm papéis fundamentais no êxito do Projeto. À Convenção cabe apoiar a iniciativa, expressando seu apoio sempre que possível, e tendo sua liderança que participe ativamente dos Pequenos Grupos e servindo como exemplo aos demais. O pastor ministerial e sua esposa deverão organizar a formação dos grupos, em concordância com a Convenção Regional, em função da localização geográfica e familiaridade existente entre os pastores. É muito importante que casais que já demonstrem afinidades estejam no mesmo grupo, pois o entrosamento fluirá muito mais facilmente.

Cada grupo deverá ser composto por, no máximo, quatro casais, pois entendemos que um número maior do que este dificulta a proximidade. O grupo deverá escolher o pastor líder que não deverá ser apenas um executor das tarefas, mas antes, o responsável por agendar os encontros, contatar os ausentes e, sobretudo, orar pelas pessoas do grupo, buscando em Deus a direção para a condução desta tarefa. O Pastor Ministerial Regional deverá ter contato frequente com esse líder, estimulando a realização das reuniões, auxiliando nos entraves, se surgirem, e orando por todos os grupos sob sua responsabilidade. Portanto, a capacitação ministrada aos casais ministeriais, nos Simpósios promovidos pelo MVP, precisa agora se tornar palpável através de iniciativas em favor dos Pequenos Grupos. Se desejar.

É recomendável que os encontros sejam realizados em uma residência, em uma noite durante a semana, pois a agenda pastoral é sobrecarregada nos finais de semana. Entendemos que os encontros, idealmente, deveriam ser quinzenais, mas conhecendo a rotina de nossos pastores, propomos encontros mensais. É fundamental que os grupos se reúnam com esta periodicidade, ao menos, pois com uma frequência menor, os vínculos não serão estabelecidos e a iniciativa acabará se desfazendo.

Aconselha-se alternar a residência onde os encontros serão realizados e evitar o ambiente da igreja, pois lá é o “local de trabalho” do pastor, local que não propicia o informalismo e a intimidade mútua que devem existir nesse grupo. É muito importante destacar que “o enfoque do estudo não é acadêmico e sim, a aplicação prática: como Deus está falando conosco e como queremos mudar nossa vida para aceitarmos sua Palavra”, destaca o Pr. David Kornfield, no livro *Começando grupos familiares pastorais*.

As reuniões não precisam ter um formato fechado, porém, não pode faltar tempo para o estudo das lições propostas, compartilhamento ao final e o momento de oração de uns pelos outros. Pode-se iniciar com alguma dinâmica ou quebra-gelo, seguido de oração e louvor, conforme definir o líder. É interessante que os encontros tenham duração de cerca de uma hora e trinta minutos, mas o grupo deve ter liberdade no tempo, em função das situações que surgirem. Mais importante do que “cumprir” o tempo é a certeza de que Deus proporcionou um tempo de reflexão e refrigério para todos, em um ambiente menos formal e de mais intimidade.

Quatro princípios

A autora Barbara Lamp, missionária da Sepal, destaca a importância de quatro princípios nos Grupos de Apoio e Pastoreio Mútuo: transparência, prestação de contas, confiança e compromisso.

Transparência

“O fingimento é irmão da mentira. Quando há comunicação sincera e verdadeira, podemos arriscar compartilhar nossas fraquezas e podemos encorajar outros com a vitória que Deus nos concedeu. Ambas as qualidades, a verdade e o amor, são essenciais para desenvolver uma transparência transformadora no grupo pequeno.” É importante notar que “tirar a máscara” não significa que vamos mostrar todos os nossos sentimentos e pensamentos com qualquer ouvinte. Por isso, entendemos que os Pequenos Grupos são ambientes propícios, pois, ali, ‘estamos todos no mesmo barco’. Além disso, falar o tempo todo não é uma amostra de que a pessoa está, de fato, sendo transparente. É importante que o líder intervenha sempre que algum participante ocupe muito tempo em suas falas e sempre recoloque a pergunta: “Em quais pontos o que estamos estudando tem a ver com sua vida?”. Falar genericamente é uma forma de se “esconder”, mesmo em um Pequeno Grupo.

Prestação de contas

Quando uma pessoa compartilha uma necessidade conosco, devemos nos lembrar de orar e perguntar depois como está a situação com ela, qual foi a resposta de Deus.

“Estabelecer a prestação de contas como prioridade do grupo encoraja a obediência cristã e o crescimento espiritual. Quando um membro do grupo vive uma situação complicada, os outros podem ajudá-lo a fazer um plano de ação em resposta ao problema.” Todos já passamos por situações difíceis em que não sabíamos por onde começar a agir. O grupo pode ser uma ajuda valiosa nesses momentos, ajudando-nos a refletir sobre os caminhos que podemos tomar.

Confiança

“Quando queremos apoiar o crescimento espiritual e a amizade transparente com as demais pessoas do grupo pequeno, é essencial que o relacionamento seja de confiança”, diz Barbara Lamp. Sabemos que, infelizmente, pessoas no ministério já foram feridas por compartilharem um segredo com alguém, que acabou repassando-o a outros. Isso não deve ocorrer nos Pequenos Grupos de Pastores. É importante o líder frisar a importância do **sigilo absoluto** das confissões para que a confiança se estabeleça.

Compromisso

Para Barbara Lamp, “os encontros precisam ser uma prioridade na agenda de seus membros. A confiança e a amizade são resultados desse cumprimento. Se houver troca de membros e ausências frequentes, será impossível progredir na prestação de contas”. Mesmo que haja dificuldades, o líder deve persistir, pois o seu compromisso fará com que o grupo persista. Sem um compromisso firme, o crescimento em todas as áreas será impedido.

Os Pequenos Grupos deverão valorizar a transformação de vidas e não dar ênfase na alegria temporária. Além do crescimento espiritual, cremos que os Pequenos Grupos serão uma ferramenta importante para fortalecer os laços de amizade e minimizar a sensação de solidão, muitas vezes enfrentada no ministério pelo pastor e sua esposa. O cuidado pastoral deverá se revelar em cada momento, mas, especialmente, nos momentos de compartilhamento das necessidades e intercessão de uns pelos outros. Em I Coríntios 12, em que o apóstolo Paulo assemelha o corpo de Cristo ao funcionamento do

nosso próprio corpo, fica clara nossa interdependência mútua. Nos Pequenos Grupos de Pastoreio de Pastores estaremos reunidos com pessoas que têm o mesmo chamado, as mesmas dificuldades e lutas, as mesmas alegrias com o ministério, enfim, há muitas similaridades. cremos que os relacionamentos de confiança que surgirão serão indispensáveis para exercermos de forma ainda melhor os dons que Deus nos confiou.

Lições para Pequenos Grupos

Pastores e Esposas



Série “Heróis da fé”

Introdução

O final do Capítulo 10 de Hebreus exorta os leitores a não retrocederem – porque isso traria condenação – pelo contrário, os estimula a perseverarem na vida espiritual, a viver pela fé (Hb 10.35-39). A vida centrada na fé não é opcional, mas um caminho indispensável para os salvos. A grande marca distinta da fé bíblica é que ela está firmada em um Deus pessoal, não em uma lei ou poder impessoal.¹

Hebreus 11 é conhecido como o Capítulo da Fé, porque lista inúmeros heróis que são exemplos para nós. Vinte e quatro vezes encontramos a expressão “pela fé”. Isto nos leva à conclusão de que “pela fé” não é uma atitude esporádica e sim, um estilo de vida.

São uma nuvem de testemunhas que venceram e hoje, simbolicamente, estão como em um estádio, nos estimulando e aguardando que também cruzemos vitoriosamente a linha de chegada: *“Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumador da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus”* (Hb 12.1-2).

Acreditamos que Hebreus 11 o ajudará em seu maravilhoso ministério recebido de Cristo. Por menor que se sinta, você foi chamado para ser um herói ou uma heroína da fé. Vai levar tempo, como aconteceu com os heróis da Bíblia. Haverá erros e acertos. Mas, cremos que Deus o chamou para triunfar em Cristo (2 Co 2.14). E, em cada dia, o Senhor dirá: *“Levante-se e ande”* (Jo 5.8).

Então, querido pastor, esposa ou missionário(a), peregrinos(as) da boa promessa, vamos lá, com as sandálias da fé, a mochila ministerial nos ombros e o cajado na mão, de mãos dadas com a família, prosseguir apesar das lutas e olhando sempre para o Senhor!

Obs.: As lições 1 a 32 estão disponíveis em www.portaliap.org.br/ministerios/vida-pastoral

1. C.B.B. (2014, p. 110).



Lição 33 - O que é fé?

“A fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá convicção de coisas que não vemos. Pela fé, pessoas em tempos passados obtiveram aprovação. Pela fé, entendemos que todo o universo foi formado pela Palavra de Deus; assim, o que se vê originou-se daquilo que não se vê... Sem fé é impossível agradar a Deus. Quem deseja se aproximar de Deus deve crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hb 11.1-3, 6 – NVI).

Propósito: Entender o propósito de se viver pela fé.

A fé mostra o futuro e as coisas invisíveis. É o meio pela qual os antigos foram aprovados. É o entendimento real da criação de todo o universo. É a sujeição total à soberania Divina. É a única forma dos nossos atos agradarem a Deus. A fé não é um poder mágico [...] mas a única base de um relacionamento satisfatório com Deus.² A fé é o caminho por onde nossa oração viaja até o Trono de Deus. Se o caminho for interrompido, nossa oração não chegará a Deus e nem suas bênçãos chegarão a nós. Precisamos de uma fé refletida na busca diligente, uma fé que aposta tudo na integridade de Deus, uma fé que se afirma a si mesma.³ A verdadeira fé bíblica é uma obediência confiante à Palavra de Deus apesar das circunstâncias e consequências.⁴ O futuro é tratado como presente e o invisível como visível.⁵ A fé pode ser aumentada pelo estudo da Bíblia que diz: *“Consequentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17).*

E ainda, a fé produz:

- Justificação (Rm 1.17; 5.1)
- Salvação (Rm 5.2; Ef 2.8)
- Obediência e obras (Tg 2.17-18)
- Atitudes humanamente ilógicas (Rm 4.17-20)
- Vitória sobre o mundo (1 Jo 5.4)

2. C.B.B. (2014, p. 102).

3. C.B.B. (2014, p. 104).

4. WIERSBE (2012, p. 411).

5. WIERSBE (2012, p. 412).

Reflexões

1. O que você entende por fé?
2. Em que sentido o ministério pastoral é uma forma de se viver pela fé?
3. Testemunhe para o grupo atitudes que teve de tomar com base na fé.

Conclusão

Não fomos chamados para viver segundo a lógica do mundo. A nossa aceitação por Cristo, o nosso batismo nas águas e o nosso chamado para o ministério foram atos de fé. Portanto, só teremos satisfação plena em Deus. Só teremos vitórias crendo de todo o coração. O Senhor sempre será o nosso amigo, compreenderá nossas fraquezas e nos ajudará no crescimento na fé e na graça. Então, pastor peregrino, esposa e filhos, mantenham-se firmes na jornada. O mesmo Deus que nunca falhou, não falhará com vocês.

Motivo de oração: Não confiar nas coisas visíveis e temporais, mas sim nas espirituais.



Lição 34 - Abel

“Pela fé, Abel apresentou a Deus um sacrifício superior ao de Caim. Com isso, mostrou que era um homem justo, e Deus aprovou suas ofertas. Embora há muito esteja morto, ainda fala por meio de seu exemplo” (Hb 11.4 – NVI).

Propósito: Despertar espiritualmente para o propósito maior de agradar a Deus.

Abel e Caim representam dois tipos de adoradores. Abel é o que agrada a Deus e Caim o que o desagrada. Quais seriam os motivos?

A oferta de Caim:

- Figura o homem natural, sem regeneração. Seu nome significa apenas “homem/varão”¹ (Gn 4.1)
- Passou a odiar o seu irmão (Gn 4.5, 6)
- A oferta ocorreu quando ele não estava bem (Gn 4.7)
- Negligenciou o dever de cuidar do seu irmão (Gn 4.9)
- Assassinou seu irmão (Gn 4.8)
- Como consequência recebeu: um viver sem paz; improdutividade na lavoura; uma marca (estigma); uma geração de rebeldes e um péssimo exemplo (Gn 4.10-24; I Jo 3.12; Jd 11)

A oferta de Abel:

- Foi pela fé (Hb 11.4)
- Apontava para o sangue de Jesus (Gn 4.4)
- Como consequência, recebeu um exemplo a ser seguido por todas as gerações (Hb 11.4)
- Seu nome significa “sopro”² ou “insignificância”³, mostrando a brevidade de vida que teria, a sua humildade como pecador; necessitando de um substituto, de um justificador, de um salvador.

Reflexões

1. Você já se conscientizou de que o seu ministério é uma oferta para Deus?
2. Como podemos ter um ministério menos parecido com o de Caim e mais parecido com o de Abel?

1. DOUGLAS (2006, p. 182).

2. GARDNER (2005, p. 2).

3. KRAFT (2017, p. 13).

3. Quais atitudes podem matar um irmão em vez de cuidar?

Conclusão

Todos os dias, diante de nós, aparecem oportunidades de agradar a Deus, como a oferta de Abel; ou agradar a nós mesmos, como a oferta de Caim. Que Deus conceda graça e força para lembrarmos sempre de que a nossa vida deve ser uma oferta suave, que dependa de um Redentor, exalando a expiação que Cristo fez por nós na cruz. Com a mochila ministerial nas costas, prossigamos!!!

Motivo principal de oração: Aprender a oferecer o melhor para o Senhor.



Lição 35 - Enoque

“Pela fé, Enoque foi levado para o céu sem ver a morte; ele desapareceu porque Deus o levou para junto de si. Porque, antes de ser levado, ele era conhecido por agradar a Deus” (Hb 11.5 – NVI).

Propósito: Conscientizar sobre a importância de uma maior intimidade com Deus.

Enoque significa “consagrado”.¹ Enoque foi totalmente consagrado a Deus, tanto que foi arrebatado antes de ver a morte. Cabe salientar que a morte é o pior e último inimigo do ser humano (I Co 15.26). Deus o levou para si. Mas não foi sem motivo. Antes do seu arrebatamento, Enoque viveu pela fé da forma que agradava a Deus. Abel morreu; Enoque foi arrebatado. Isto nos diz que Deus, soberanamente, tem um propósito com cada vida, com cada ministério.

E ainda podemos aprender sobre Enoque:

- Que começou a andar com Deus depois que gerou Matusalém, o homem com a maior longevidade entre os seres humanos (Gn 5.22)
- Que perseverou na sua caminhada com Deus (300 anos) (Gn 5. 22)
- Que viu pela fé a volta do Senhor Jesus (Jd 14)
- Que foi avô de Lameque, o qual “profetizou” a respeito de Noé (Gn 5.29)
- Que foi bisavô de Noé, o construtor da Arca, que também andava com Deus (Gn 5.29, 30 e 6.9)

Reflexões

1. O que você entende por “andar com Deus”?
2. Andar com Deus influencia o histórico familiar? Comente sobre os descendentes de Enoque.
3. O que mais o motiva a andar com Deus no ministério pastoral?

1. UNGER (1993, p. 390).

Conclusão

É bom demais quando testemunhamos de um companheiro de ministério que, na dependência do Senhor, em plena certeza de fé, ele não desanimou. Ele perseverou na jornada traçada pelos céus. Ou outros, que prosseguem em passos firmes de fé como Enoque, até parafrasear por completo o que diz Paulo: “*Combati o bom combate, terminei a carreira e guardei a fé*” (2 Tm 4.7). Perceba o “*guardei a fé*”. Paulo deixou muitas coisas para trás, menos a fé. Pastor, que vigia e alimenta o rebanho de Cristo, conte tudo para o seu Senhor e caminhe a passos largos, caminhe pela fé.

Motivo de oração: Pedir forças ao Senhor, para uma prática devocional com maior profundidade.



Lição 36 - Noé

“Pela fé, Noé construiu uma grande embarcação para salvar sua família do dilúvio. Ele obedeceu a Deus, que o advertiu a respeito de coisas que nunca haviam acontecido. Pela fé, condenou o resto do mundo e recebeu a justiça que vem por meio da fé” (Hb 11.7 – NVI).

Propósito: Despertar um zelo maior para com a família.

Noé significa “descanso” e “sossego”.¹ Recebeu este nome pela graça e o honrou pela fé. Não foi fácil para ele, visto que foi o único com sua família a salvar-se. Isto deixa claro que ao seu redor as práticas contrariavam a Deus. Viver pela fé é viver de forma contrária às práticas que nos cercam. Viver pela fé, muitas vezes, é viver o inusitado. Noé nunca tinha visto um barco ou uma chuva, mas mesmo assim, creu e obedeceu a Deus. Por esta atitude salvou sua família, condenou o mundo da época pelo contraste exemplar e foi justificado pela fé. Quando o homem crê em Deus e age de acordo, obtém salvação, tanto física quanto espiritual, na vida dos outros.²

Podemos aprender ainda a respeito de Noé que:

- Era justo e íntegro em sua geração, pois ele também andava com Deus (Gn 6.9)
- Foi um pregador (2 Pe 2.5)
- Construiu uma arca obedecendo “todas” as especificações dadas por Deus (Gn 6.14-22)
- Salvou a sua família (Gn 7.1)
- Ao sair da arca, fez em primeiro lugar um altar ao Senhor, sobre o qual ofereceu animais limpos (Gn 8.20-22)
- Teve a alegria de ver pela primeira vez o arco-íris, símbolo de que toda a terra não seria mais destruída por um dilúvio (Gn 9.11-17)

Reflexões

1. Como está a sua família diante do Senhor?

2. Como o exemplo de Noé pode nos inspirar a agir quando as pessoas rejeitarem as nossas pregações?

1. UNGER (1993, p. 894).

2. C.B.B. (2014, p. 105).

3. Faça uma breve comparação entre o engano do sucesso imediato e a obediência irrestrita à Palavra de Deus.

Conclusão

Amado pastor peregrino, nem sempre é fácil obedecer ao Senhor, porém, sempre valerá a pena. Nem sempre a família ou a igreja estará do jeito que gostaríamos que estivesse. Mas não desista. Após a arca parar no Monte Ararate, Noé soltou uma pomba e no entardecer ela voltou com um ramo de oliveira (Gn 8.11). Depois do temporal e longos dias avistando apenas água, Noé contemplou o retorno de uma pomba, símbolo de pureza, simplicidade, lealdade, inocência e paz. E não voltou só, trouxe um ramo de oliveira que anunciava longevidade, fartura, fidelidade, esperança e o Espírito Santo. Era o carinho de Deus dizendo que era tempo de recomeçar. Então, hoje é tempo de dar as mãos, primeiro ao cônjuge, depois ao restante da família e olhar para o futuro com esperança e fé!!!

Motivo para oração: Pedir obediência irrestrita a Deus e um zelo maior para a nossa família.



Lição 37 - Abraão

“Pela fé, Abraão obedeceu quando foi chamado para ir à outra terra que ele receberia como herança. Ele partiu sem saber para onde ia. E, mesmo quando chegou à terra que lhe havia sido prometida, viveu ali pela fé, pois era como estrangeiro, morando em tendas. Assim também fizeram Isaque e Jacó, que herdaram a mesma promessa. Abraão esperava confiantemente pela cidade de alicerces eternos, planejada e construída por Deus. Pela fé, Abraão, ao ser posto à prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Abraão, que havia recebido as promessas, estava disposto a sacrificar seu único filho, embora Deus lhe tivesse dito: ‘Isaque é o filho de quem depende sua descendência’. Concluiu que, se Isaque morresse, Deus tinha poder para trazê-lo de volta à vida. E, em certo sentido, recebeu seu filho de volta dos mortos” (Hb 11.8-10; 17-19 – NVI).

Propósito: Apontar a fé para a soberania de Deus.

Abraão possuiu uma fé exemplar. Não é por acaso que é chamado de “O Pai de todos os que creem” (Rm 4.11-17). Ao deixar o país e os familiares, mostrou-se abnegado (Gn 12.1-3). Ir a uma terra desconhecida, mostrou-se dependente de Deus. Ser peregrino e forasteiro, mostrou sua santificação. Aspirar pela “Cidade de Deus”, mostrou sua fé no futuro prometido pelo Senhor. Subir ao Monte Moriá com Isaque, determinado a sacrificá-lo, mostrou que amava a Deus acima de todas as coisas e que cria na ressurreição (Gn 22). É importante observar que Abraão venceu esta prova porque Isaque nunca havia se tornado um ídolo.¹ Na verdade, todo aquele que faz esta opção de vida, não se contenta mais com o que é transitório, com o que o mundo oferece. A fé deve ser forte o suficiente para obedecer mesmo quando Deus mantém em segredo alguns detalhes que gostaríamos de saber [...], algumas pessoas nunca alcançam nada para Deus por que não querem obedecer um passo de cada vez; elas querem muita informação adiantada.²

Ainda sobre Abraão podemos dizer que:

- Viveu pela fé (Hb 11.8)
- Foi justificado pela fé (Rm 4.3)
- Foi considerado amigo de Deus (Tg 2.23)
- Foi um intercessor, um abençoador (Gn 12.1-3; 18.16-33)
- Teve um filho aos cem anos, “na época fixada por Deus” (Gn 21.2, 5)

1. C.B.B. (2014, p. 108).

2. C.B.B. (2014, p. 105).

Reflexões

1. O que você entende por dependência de Deus?
2. Abraão teve a fé provada com quais detalhes?
3. Somos provados também no Ministério Pastoral?

Conclusão

De Abrão, “Pai exaltado” (Gn 12.1), até chamar-se de Abraão, “Pai de multidão” (Gn 17.5), levou um tempo considerado.³ Houve falhas quando levou Ló (Gn 12.4) e quando teve o filho Ismael com Agar (Gn 16.15). Mas quando analisamos a vida toda de Abraão, podemos dizer que ele foi um grande herói. Até mesmo hoje é considerado um grande homem. Porém, nada foi por acaso. Houve uma amizade sincera, uma fé gigantesca, uma entrega incondicional e uma crença inabalável em Deus. Não se importou em morar em tendas porque tinha a promessa de uma cidade construída por Deus. Peregrinos da Promessa, olhem para o céu e prossigam (Gn 15.5) !!!

Motivo para oração: Crer e viver sob a soberania divina.

3. WIERSBE (2012, p. 412).



Lição 38 - Sara

“Pela fé, até mesmo Sara, embora estéril e idosa, pôde ter um filho. Ela creu que Deus era fiel para cumprir sua promessa. E, assim, uma nação inteira veio desse homem velho e sem vigor, uma nação numerosa como as estrelas do céu e incontável como a areia da praia. Todos eles morreram na fé e, embora não tenham recebido todas as coisas que lhes foram prometidas, as avistaram de longe e de bom grado as aceitaram. Reconheceram que eram estrangeiros e peregrinos neste mundo. Evidentemente, quem fala desse modo espera ter sua própria pátria. Se quisessem, poderiam ter voltado à terra de onde saíram, mas buscavam uma pátria superior, um lar celestial. Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado o Deus deles, pois lhes preparou uma cidade” (Hb 11.11-16 – NVI).

Propósito: Despertar a fé para entender a disciplina da espera, do tempo certo de Deus.

Sara significa “princesa”,¹ mas antes, chamava-se Sarai que significa “contenciosa”² (Gn 17.15). Isto mostra o quanto Deus teve que trabalhar em sua vida. A espera é uma das disciplinas mais difíceis da vida. A longa espera por um filho levou-a a entregar Hagar para Abraão (Gn 16.1-3). Esta atitude de querer dar uma ajuda para Deus não foi do seu agrado, tanto que o anjo do Senhor falou que Ismael seria como “jumento selvagem”, símbolo de rebeldia (Gn 16.12).

Depois maltratou Hagar e seu filho e os expulsou (Gn 16.6; 21.9-10). Quando o Anjo deu a notícia de que teria um filho na velhice, ela riu, porque já eram idosos (Gn 18.10-15). Porém, cresceu na fé, e por meio dela, foi mãe aos noventa anos. Aprendeu, depois de um longo caminho sozinha, a não confiar mais nos sinais naturais da idade, e sim, no Senhor do impossível. Quando o filho nasceu, deram-lhe o nome de Isaque, que também significa “riso”.³ Não um riso de Deus, uma zombaria. Mas um riso de alegria santa pelo milagre. Um riso com Deus. É bom saber que apesar de nossas fraquezas, Deus não se envergonha de ser o nosso Deus. E, que pela fé, no tempo certo, podemos abraçar o impossível. Mas atenção, quando queremos agir do nosso jeito, temos “Ismael”. Quando deixamos Deus agir do jeito dele, de acordo com a sua Palavra, temos “Isaque”.⁴

1. UNGER (1993, p. 1.168).

2. Idem.

3. UNGER (1993, p. 631).

4. PAES (2009, p. 7).

Reflexões

1. Como podemos ser teimosos quanto às promessas de Deus?
2. Você acredita que todas as coisas têm o tempo certo de acontecer?
3. Como a promessa de uma pátria celestial pode nos motivar?

Conclusão

O que é melhor: ser uma pessoa “contenciosa” com os propósitos de Deus ou uma que contém um “título de nobreza” da corte do Rei dos Reis? Entretanto, para ter esse título, é preciso crescer na fé e ver não as rugas da longa demora, e nem os planos que são frustrados nesse período, mas a fidelidade daquele que prometeu. Olharam tanto para o futuro que se esqueceram de onde saíram. Querido habitante da Nova Jerusalém, ânimo, o Senhor é contigo!!!

Motivo para oração: Saber esperar o tempo certo de Deus.



Lição 39 - Isaque

“Pela fé, Isaque prometeu bênçãos para o futuro de seus filhos, Jacó e Esaú” (Hb 11.20 – NVI).

Propósito: Conscientizar sobre o grande propósito de sermos abençoadores.

Você já esteve em algum dia amarrado sobre um monte de lenha, sem ter como sair e ver um cutelo (faca usada no sacrifício) vir em direção da sua garganta? Pois bem, Isaque teve essa experiência e muitos comentaristas afirmam que, por causa dessa amarga experiência, ele tenha se apegado mais à sua mãe, tenha sido pacífico e mudado menos. Porém, ele foi também foi um homem que viveu pela fé. Isaque foi um homem de oração. Encontrou Rebeca em uma determinada tarde quando voltava de sua ida ao campo para meditar e orar (Gn 24.63). Interessante perceber que Abraão teve sua vida marcada com altares (Gn 12.7, 8; 13.4, 18; 22.9). E, as maiores experiências de Isaque foram com os poços d'água. A confirmação de Rebeca como esposa foi em um poço (Gn 24.11-27). O enredo principal do Capítulo 26 de Gênesis foi em torno de poços, em pelo menos seis vezes. Há muita gente interessada em furta ou entulhar nossos poços. Para isso, vigiemos.

O mais importante, no entanto, foi que, no final da vida, Isaque abençoou os seus filhos. Em profunda comunhão com Deus, falou do futuro de Jacó e Esaú. Um abençoador é o que se esquece de si mesmo e abençoa os outros. Coloca todos os seus dons e talentos em prol do Reino de Deus (1 Co 12). Não é assim o Ministério Pastoral?

Reflexões

1. Para você, o que significa viver para o Reino de Deus?
2. O que é mais difícil viver em um Ministério Pastoral?
3. Você está vivendo um grande problema que gostaria de compartilhar?

Conclusão

Quem olha para a vida de Isaque e aprende com ele, pode dizer como Paulo: “Se por estarmos em Cristo, nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros” (Fl 2.1-4). Pastor da Promessa, respire fundo, estenda o cajado para abençoar, e prossiga firme sem olhar para trás.

Motivo para oração: Forças para abençoar sempre e partilhar as lutas quando necessário.



Lição 40 - Jacó

“Pela fé, Jacó, prestes a morrer, abençoou cada um dos filhos de José e se curvou para adorar, apoiado em seu cajado” (Hb 11.21 – NVI).

Propósito: Despertar profundidade em nossa adoração diante do Senhor.

Jacó nasceu agarrado ao calcanhar do seu irmão Esaú. Por isso recebeu o nome de “suplantador”, “que toma o lugar de outro” ou “agarrador de calcanhar”¹ (Gn 25.26). Pela fé, ele abençoou seus familiares e, apesar da idade, totalmente lúcido, adorou a Deus apoiado em seu cajado.

E podemos observar mais alguns detalhes em sua vida:

- Família disfuncional. Isaque, o Pai, preferia Esaú. Rebeca, a mãe, Jacó (Gn 25.28)
- Negociação indevida entre Esaú e Jacó envolvendo a bênção que o pai deveria dar (espiritual) em troca de um prato de lentilhas avermelhadas (material) (Gn 25.29-34)²
- Furto da bênção. No dia da bênção que Isaque daria a Esaú, Jacó adiantou-se, passou-se por seu irmão e recebeu a bênção primeiro (Gn 27.1-29)

As consequências foram:

- Amargura e rancor (Gn 27.34, 41)
- Desejo de vingança de Esaú em assassinar Jacó (Gn 27.41)
- Distanciamento entre os membros da família. Fuga de Jacó (Gn 27.42-45)

O Encontro com Deus:

- Jacó retorna depois de muitos anos (Gn 31.3).
- Jacó desarmou-se de guerrear (Gn 32.3-5).
- Jacó temeu. A quebra de comunhão produziu temor (Gn 32.6, 7).
- Jacó orou pedindo a intervenção de Deus (Gn 32.9-12).
- Jacó foi sábio. Em primeiro lugar, ele esperou o pior e dividiu a família e os bens em dois grupos, pois se houvesse guerra física um sobreviveria (Gn 32.7,8). Em segundo lugar, ele queria realmente a conciliação, a paz, e fez uma ponte para isso, enviando presentes ao seu irmão (Gn 32.13-21).
- Jacó ficou só. É importante a autoavaliação, um olhar para dentro de si (Gn 32.24).
- Jacó teve um encontro com Deus. A princípio, uma resistência com suas próprias forças. Depois, implorou pelas bênçãos divinas. Na sequência, uma renúncia de si mesmo, que se manifesta na confissão do seu nome que revela a própria história e os comportamentos. E por último, os fru-

1. UNGER (1993, p. 642).

2. LIVINGSOTON (2014, p. 81).

tos da mudança ao assumir a nova história que se dá pela mudança de nome, a mudança do nome do local, de Jaboque para Peniel; a mudança física, o deslocamento da coxa e a mudança interior, a vida salva (Gn 32.24-31). Nada fica como estava após um encontro com Deus.

Jacó dá o primeiro passo em direção ao seu irmão. Ele curva-se perante o seu irmão exprimindo humildade, se colocando na posição de servo. Houve conciliação e muita paz. Depois de tudo, Jacó edificou um altar e invocou a Deus como “*El Elohe Israel*”: Deus todo Poderoso de Israel,³ porque a verdadeira conciliação se dá por Deus, na Sua presença e para a Sua glória (Gn 33.1-20).

Reflexões

1. Como está o seu nível de comunhão com Deus, a família e os membros da igreja?
2. O que precisamos fazer para melhorar o nosso nível de adoração?
3. Precisamos de “esperteza” para conseguir algo?

Conclusão

Se Deus fez de Jacó, que significa “enganador”, “trapaceiro”, “suplantador”, um Israel, que significa “guerreiro ou príncipe de Deus”,⁴ imagine o que não fará com você, uma pessoa nascida de novo, com um ministério maravilhoso nas mãos? Não recue, avance!!!

Motivo de oração: Forças para confiar menos em nós e mais no Senhor.

3. BJA (2012, p. 97).

4. UNGER (1993, p. 635).



Lição 41 - José

“Pela fé, José, no fim da vida, declarou com toda a confiança que os israelitas deixariam o Egito e deu ordens para que cuidassem de seus ossos” (Hb 11.22 – NVI).

Propósito: Despertar a fé para confiar na graça futura.

José, o primeiro filho de Jacó e Raquel, cujo nome significa “O Senhor acrescenta”,¹ cresceu na sua vida de fé a ponto de ter plena convicção de que um dia seus descendentes e familiares voltariam à terra de Canã. Por esse motivo, ele deu ordens expressas para que não o deixasse para trás, e que eles levassem os seus ossos quando partissem. Isso é fé pura, dependência de Deus e certeza do projeto divino. Aqui a visão transcendia seu próprio destino e sua própria geração. Eles se enxergavam fazendo parte de um grande plano, como elos da corrente da história divina. Sua fé não foi alterada pelo não cumprimento durante a vida deles.²

Vale ressaltar que a sua vida não foi fácil: ele foi invejado, maltratado e vendido por seus irmãos (Gn 37); tentado e caluniado pela mulher de Potifar (Gn 39.1-20) e esteve muitos anos na prisão, apesar de sua inocência (Gn 40.23). Pelo testemunho de fé, José saiu da prisão e assumiu o Egito como Governador, abaixo apenas do Faraó (Gn 41.1-57). Sua fé foi recompensada.

Mas ele é também considerado o irmão que chora.³ Por sete vezes constatamos estes fatos por:

- Lembrança do passado (Gn 42.21-24)
- Amor e dor (Gn 43.30)
- Libertando-se dos maus sentimentos (Gn 45.1-7)
- Amor e alegria (Gn 45.14-15)
- Saudades do Pai (Gn 46.28-30)
- Sentimento de perda (Gn 50.1-3)
- Reconhecimento (Gn 50.15-21)

1. UNGER (1993, p. 709).

2. C.B.B. (2014, p. 108).

3. PAES (2007, p. 11).

Reflexões

1. O que você acha que foi a maior provação da vida de José?
2. E quando o vê chorar por tantas vezes, o que você pensa?
3. O que há de especial em dar ordens para que seus ossos, no futuro, fossem também para Canaã?

Conclusão

No final da vida, seus irmãos ficaram preocupados em serem maltratados, mas, “José, porém, lhes disse: *‘Não tenham medo. Estaria eu no lugar de Deus? Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos. Por isso, não tenham medo. Eu sustentarei vocês e seus filhos.’* E assim os tranquilizou e lhes falou amavelmente” (Gn 50.19-21). Ele termina a sua jornada reconhecendo que não era Deus. A posição de Governador não influenciou a sua vida espiritual. E, ao invés de vingar-se, assumiu o compromisso de cuidar os seus irmãos de forma amigável. Por isso, peregrino da fé, não se vingue de ninguém, sirva seus irmãos com um olhar para o futuro.

Motivo de oração: Aceitar que todas as coisas, inclusive as más, são permitidas por Deus, para o crescimento na fé e para o seu louvor; e não para a murmuração.



Lição 42 - Moisés

“Pela fé, os pais de Moisés o esconderam por três meses tão logo ele nasceu, pois viram que a criança era linda e não tiveram medo de desobedecer ao decreto do rei. Pela fé, Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a aproveitar os prazeres transitórios do pecado. Considerou melhor sofrer por causa do Cristo do que possuir os tesouros do Egito, pois tinha em vista sua grande recompensa. Pela fé, saiu do Egito sem medo da ira do rei e prosseguiu sem vacilar, como quem vê aquele que é invisível. Pela fé, ordenou que o povo de Israel celebrasse a Páscoa e aspergisse com sangue os batentes das portas, para que o anjo da morte não matasse seus filhos mais velhos. Pela fé, o povo de Israel atravessou o mar Vermelho, como se estivesse em terra seca. Quando os egípcios tentaram segui-los, morreram todos afogados” (Hb 11.23-29 – NVI).

Propósito: Conscientizar para um maior desprendimento quanto às coisas deste mundo.

Moisés foi protegido da morte desde o seu nascimento, pela fé de seus pais Anrão que significa “povo superior”¹ e Joquebede “O SENHOR, a glória dela”.² Quando não podia mais escondê-lo, colocou-o em um cesto e o soltou nas águas do Rio Nilo, o mais extenso do mundo. Em vez de lançá-lo no rio, eles o colocaram sobre o rio, crendo que Deus tinha um plano especial para Moisés.³ Por isso, venceu, e foi possível cuidar dele sob o acompanhamento da Filha do Faraó (Ex 2:1-10). Não é por acaso o seu nome, Moisés significa “tirado” ou “salvo”.⁴

A vida de Moisés é pautada por três períodos de 40 anos (At 7.23, 30, 36). O primeiro, no palácio do Faraó, onde recebeu toda a ciência do Egito. O segundo, no exílio da Arábia. E, o terceiro, no comando da nação israelita.

Ele venceu pela fé todas as provas. Desprezou os tesouros do Egito e os prazeres transitórios, para assumir o sofrimento dos seus irmãos Israelitas, pois ele conseguia ver a salvação através de Cristo. Escolheu renunciar uma vantagem passageira para obter um ganho permanente.⁵ Pela fé ele viu “O Invisível” – Deus. Celebrou a Páscoa que continha a aspersão de um inocente morto. Foi fiel ao Senhor e viveu maravilhas no Egito, na passagem do Mar Vermelho e durante os quarenta anos no deserto.

1. UNGER (1993, p. 76).

2. UNGER (1993, p. 705).

3. C.B.B. (2014, p. 109).

4. UNGER (1993, p. 854).

5. C.B.B. (2014, p. 110).

Reflexões

1. O que significa para você “desprezar os tesouros do Egito”?
2. Qual milagre de Deus Moisés vivenciou e que você acha mais espetacular e por quê?
3. Qual a importância de Moisés ter escrito o Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia?

Conclusão

Quando olhamos para as provações de Moisés, para que crescesse na fé, ficamos surpresos quão difíceis foram. Disse adeus ao trono e às riquezas do Egito; 40 anos de exílio; resistência do Faraó; pressionado ante o Mar Vermelho; rebeldia e murmurações do povo; batalhas com vários povos; e, depois de passar por tudo isso, não pôde entrar na Terra Prometida. Mas ele venceu. Venceu porque visualizou Cristo. Ele viu Jesus no sangue dos umbrais das portas; em cada ingrediente dos elementos da Páscoa; em cada sacrifício; na passagem do Mar Vermelho; na água amarga que fica doce; no cacho de uva que os espias trouxeram; nos detalhes da Tenda da Congregação; nas vestes sacerdotais; na coluna de nuvem; no maná que caía diariamente; na água que saiu da rocha; na glória do Sinai; nos momentos de oração; e na visão da terra prometida... Viu, imitou, prefigurou, tanto que disse: *“O Senhor, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no”* (Dt 18.15). Então, Peregrino, com o cajado nas mãos, perceba no horizonte que a Terra Prometida é logo ali!

Motivo de oração: Perceber mais a presença do Senhor em cada detalhe do ministério pastoral.



Lição 43- Josué

“Pela fé, o povo marchou ao redor de Jericó durante sete dias, e suas muralhas caíram” (Hb 11.30 – NVI).

Propósito: Despertar para a perseverança na fé.

Josué, significa “O SENHOR é salvação”,¹ antes chamava-se Oseias, apenas “salvação” (Nm 13.16). Somente ele e Calebe, da geração que saiu do Egito, entraram em Canaã (Nm 14.23, 24). Foi servo de Moisés antes de ser comandante do exército israelita (Js 1.1). Ele foi importantíssimo na conquista de Canaã. No entanto, antes de conquistar o território todo, foi necessário conquistar Jericó. Isto ocorreria se cressem inteiramente em Deus. Houve um encontro com o Príncipe ou Comandante do Exército do Senhor (Js 5.13-15). Ele não estaria sozinho, pois o Senhor estaria com ele. Em Hb 11.30 diz que houve fé para isso.

Vejamos mais alguns detalhes de Js 6:

- A estratégia divina era perfeita. O número sete é considerado na Bíblia o número da perfeição. Sete sacerdotes, sete trombetas, sete dias e sete voltas.
- Deveriam cercar a cidade por seis dias em silêncio. Símbolo de juízo.²
- Deveriam perseverar, pois nada aconteceria até o sétimo dia.
- Havia uma lógica divina: Os sacerdotes na frente com as trombetas, depois a arca e por último os soldados.
- A arca anunciava que era Deus³ quem daria a vitória.
- E o grito era a fé pública que tinham em Deus.
- Não deveriam pegar nada para uso pessoal. A cidade estava sob anátema ou maldição.

Reflexões

1. O que Josué deve ter sentido ao ver o Comandante do Exército do Senhor junto com as tropas de Israel?
2. O que podemos aplicar sobre a queda de Jericó em nosso Ministério?
3. Você consegue ver alguma semelhança entre a queda de Jericó e 2 Co 10.4-5?

1. UNGER (1993, p. 713).

2. BÍBLIA DE ESTUDOS DA REFORMA (2017, p. 351).

3. Idem.

Conclusão

Jericó significa “lugar de fragrância”.⁴ Em nosso Ministério passamos por muitos desafios, porém, não há somente coisas ruins, há também lugares de cheiro suave, de fragrância especial. Há muitas conquistas para o Senhor. Coragem, Guerreiro! Tire a poeira das sandálias da fé e persevere!

Motivo de oração: Vencer todo o desânimo.

4. UNGER (1993, p. 663).



Lição 44 - Raabe

“Pela fé, a prostituta Raabe não foi morta com os habitantes de sua cidade que se recusaram a obedecer, pois ela acolheu em paz os espiões” (Hb 11. 31 – NVI)

Propósito: Despertar a fé para reconhecer a graça de Deus.

O que se pode fazer com material reciclável? Quase tudo, não é mesmo? É possível construir brinquedos, artesanatos, móveis, instrumentos musicais, ferramentas, casas etc. Não muito longe da minha casa, um senhor fez um jardim com sucatas. Com carinho, ele lava, conserta, pinta e coloca tudo arrumado em um espaço público. É comum vermos pessoas fotografando este espaço.

Raabe vivia uma vida nada exemplar e passou a fazer parte na Genealogia do Filho de Deus, por causa de suas atitudes baseadas na fé. E não dá para pensar em Raabe sem ver o trabalho da graça de Deus em sua vida:

- Habitava numa cidade amaldiçoada (Js 6.17)
- Era prostituta (Js 2.1)
- Protegeu os espiões (Js 2. 4-7)
- Ajudou o Povo de Deus ao afirmar que todos estavam com medo deles (Js 2.9-10)
- Mostrou crença em Deus antes da chegada dos Israelitas (Js 2.11)
- Pediu misericórdia para ela e sua família (Js 2.12-13)
- Foi obediente em não denunciar os espiões e colocar o cordão escarlate na janela (Js 2.14-21)
- A casa dela em cima da muralha não caiu e teve a vida preservada (Js 6.22-25)
- Passou a fazer parte da linhagem de Jesus (Mt 1.5)

Reflexões

1. Quais detalhes da vida de Raabe refletem a graça de Deus?
2. E quais detalhes refletem atitudes de fé por parte de Raabe?
3. Efésios 2.8-10 condiz com a vida de Raabe? Por quê?

Conclusão

O povo de Israel conquistaria a Terra Prometida, e logo na primeira cidade, onde havia práticas abomináveis, Deus mostrou seu poder, sua justiça e sua graça. Toda a muralha caiu, menos a casa de Raabe. Seria para mostrar como é maravilhoso o sangue de Jesus representado no cordão vermelho? Ou quem sabe a casa humana, embora na muralha, era pequena para representar o “lugar amplo” que significa o nome Raabe?¹ Não ficaria surpreso, se na glória, encontrasse Raabe e perguntasse: Qual louvor você mais gosta? E ela responderia sussurrando e sorrindo: “*amazing grace*” – maravilhosa graça. Só nos resta encher a mochila da graça e distribuir sem medida, no púlpito e por onde formos, porque o estoque divino é inesgotável!!

Motivo de oração: Aprofundamento na fé e graça de Deus.

1. UNGER (1993, p. 1.039).



Lição 45 - Seis heróis muito especiais

“Quanto mais preciso dizer? Levaria muito tempo para falar sobre a fé que Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel...” (Hb 11.32 a-b).

Propósito: Despertar a fé para o enfrentamento dos desafios no ministério.

A Bíblia apresenta muitos heróis. O escritor de Hebreus percebeu isso e disse que faltaria tempo para falar de todos eles, e realmente falta. Mas, podemos dizer resumidamente que os maiores atos de fé destes homens foram:

- Gideão – Venceu os milhares de midianitas com apenas 300 homens (Jz 7.7)
- Baraque – Venceu juntamente com Débora, Sísera que comandava as tropas do Rei Jabim, rei Cananeu, com 900 carros de guerra (Jz 4)
- Sansão – Que apesar de ter sido um mau exemplo em muitas coisas, matou muitas pessoas no dia da sua morte e trouxe paz à nação de Israel contra os Filisteus (Jz 16)
- Jefté – Apesar de seu voto precipitado, venceu os amonitas (Jz 11-12.1-7)
- Davi – Venceu o gigante Golias e, a partir de então, tornou-se o maior conquistador de Israel (1 Sm 17)
- Samuel – Um dos maiores profetas e juizes de Israel. Profetizou nos dias de Saul e Davi por aproximadamente 50 anos e institucionalizou a “Escola de Profetas” (1 Sm 19.20; 1 Sm 2ss)

Reflexões

1. Qual desses heróis chama mais sua atenção?
2. E quais aspectos negativos da vida deles são um alerta para nós?
3. Você concorda com a expressão: “Deus não chama os capacitados, mas capacita os chamados”? Por quê?

Conclusão

O tempo é um fator determinante para o crescimento na fé. Nenhum dos heróis desta galeria enorme conseguiu por esforço próprio. O Senhor os capacitou e teve paciência com eles. Cheios de

fraquezas, mesmo assim, Deus não abriu mão deles. Quando lemos o testemunho da cura do cego de nascença encontramos a frase: “*Eu era cego; agora vejo*” (Jo 9.25 - u.p.). Na história de todos os heróis da fé e na nossa história existe: “*Eu era...; mas agora...*”. Percebeu que no meio da frase tem um ponto e vírgula? Esta pontuação indica mudança radical na frase. Então, prossiga confessando suas fraquezas ao Senhor. Desistir avistando o estádio cheio de irmãos como você? Jamais!!!

Motivo de oração: Pedir entusiasmo para prosseguir.



Lição 46 - Heróis anônimos

“Todos eles obtiveram aprovação por causa de sua fé” (Hb 11.39 (a) – NVI).

Propósito: Despertar a fé para entender que o pleno reconhecimento é na glória eterna.

A fé nasce da comunhão com Deus; se fortalece através da Sua Palavra e vence quando permitimos ouvir e obedecer a Deus. Em Hebreus 11.1-32 são citados vários heróis. Mas, os versículos 33 ao 40 citam os feitos, o caráter, as vitórias e as dificuldades de vários heróis anônimos. A maioria são desconhecidos para nós; porém, jamais pelos céus. Agora, destacamos o que eles foram:

- **Justos** – *“Governaram com justiça...”* (v. 33 b)
- **Vitoriosos** – *“Pela fé, eles conquistaram reinos... e receberam promessas. Fecharam a boca de leões, apagaram chamas de fogo e escaparam de morrer pela espada. Sua fraqueza foi transformada em força. Tornaram-se poderosos na batalha e fizeram fugir exércitos inteiros. Mulheres receberam de volta seus queridos que haviam morrido. ”*
- **Sofredores** – *“Outros, porém, foram torturados, recusando-se a ser libertos, e depositaram sua esperança na ressurreição para uma vida melhor. Alguns foram alvo de zombaria e açoites, e outros, acorrentados em prisões. Alguns morreram apedrejados, outros foram serrados ao meio, e outros ainda, mortos à espada. Alguns andavam vestidos com peles de ovelhas e cabras, necessitados, afligidos e maltratados. Este mundo não era digno deles. Vagaram por desertos e montes, escondendo-se em cavernas e buracos na terra. ”*
- **Separados totalmente do mundo (santificados)** – *“Este mundo não era digno deles.”* (v. 38 a)
- **Possuíam uma qualidade especial** – *“Todos eles obtiveram aprovação por causa de sua fé...”* (v. 39 a)
- **Não receberam tudo, para que recebessem a perfeição juntamente conosco** – *“no entanto, nenhum deles recebeu tudo que havia sido prometido. Pois Deus tinha algo melhor preparado para nós, de modo que, sem nós, eles não chegassem à perfeição”* (v. 39 (b), 40)

Reflexões

1. Qual o limite para a fé?
2. Conforme Hebreus 11, qual o maior segredo para vencermos?
3. Seguir o Senhor significa isenção de problemas?

Conclusão

O anonimato nos conduz à humildade. Podemos ter o nosso testemunho de vida reconhecido e ampliado por muitos fora do nosso rebanho. Nem sempre, porém, isto é uma verdade. Quando isso acontece é como se Deus dissesse: “Suas ações não são esquecidas por Mim; na eternidade, totalmente perfeito, desfrutarás a plenitude da minha glória.” A verdadeira fé se apoia na integridade de Deus quando as coisas pioram em vez de melhorar.¹ Então, querido pastor e esposa, prossigam pela fé, com as palavras de Jesus no coração: “Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver” (Jo 14.1-3).

Motivo de oração: Pedir ao Senhor humildade e fé para prosseguir.

1. C.B.B. (2014, p. 113).

Referências

- BER. **Bíblia de Estudo da Reforma**. Barueri: SBB, 2017.
- C.B.B. **Comentário Bíblico Beacon**. V. 10. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- COLEMAN, L. **Bíblia de Estudo para Pequenos Grupos**. Brasília: Editora Palavra, 2011.
- DAVIDSON, F. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Ed. Vida, 1995.
- DOUGLAS, J. D. **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2006.
- GARDNER, P. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Ed. Vida, 2005.
- KJV. **Bíblia King James Atualizada (King James Version)**. São Paulo: Abba Press, 2012.
- KRAFT, E. **Heróis da Fé**. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite, 2017.
- LIVINGSOTON, G. **Comentário Bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- MANUAL Bíblico SBB. Barueri: SBB, 2008.
- PAES, R. **Heróis da Fé – Estudos Bíblicos**. Arapongas: Editora Aleluia, 2009.
- UNGER, M. F. **Manual bíblico Unger**. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2006.
- WIERSBE, W. **Comentário bíblico expositivo**. V. 6. Santo André: Geográfica, 2012.



Acesse nossa fanpage

 facebook.com/FamiliasPastorais/

